

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Gabriele Carapeto Xavier

SLACKLINE EM PORTO ALEGRE – CONFIGURAÇÕES DA PRÁTICA

PORTO ALEGRE

2012

GABRIELE CARAPETO XAVIER

SLACKLINE EM PORTO ALEGRE – CONFIGURAÇÕES DA PRÁTICA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal do
Rio Grande do Sul de Porto Alegre, como
parte dos requisitos para obtenção
do grau de Licenciatura em Educação
Física.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Bossle

PORTO ALEGRE

2012

Gabriele Carapeto Xavier

SLACKLINE EM PORTO ALEGRE – CONFIGURAÇÕES DA PRÁTICA

Conceito Final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. - UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Fabiano Bossle - UFRGS

Dedicado à Família Slackline

– unindo árvores e pessoas –

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Fabiano Bossle, principalmente pelo vínculo de amizade e confiança criados, que fez com que a diversão fosse peça chave deste caminho e, por ter aceitado o desafio de orientar alguém tão desorientada quanto eu, acreditando em meu trabalho, apoiando minhas decisões e tendo tanta paciência.

Aos meus pais, que me ensinaram a tomar minhas próprias decisões em busca da felicidade, independentemente do quão longe ela parece estar.

Aos meus irmãos que me mostraram o que é a felicidade.

Aos meus amigos, que abriram espaço em suas vidas para acolher meus receios, dúvidas e empolgações frente a este trabalho. Acima de tudo por terem paciência em me ouvir falando em slackline o tempo todo, dos dias de parque às noites de bar. Particularmente a Diana e a Luciana por lerem, relerem e beberem comigo.

A toda a galera do slackline, que participaram me inspirando, motivando e fazendo parte de todas as fases deste trabalho. Especialmente por terem criado este universo tão mágico o qual agregou minha vida pessoal, profissional e acadêmica, me fazendo enxergar que encontrei a felicidade que buscava.

“De backflip, 360°.

Slackline, aqui não tem careta.

E na sequência, mais uma pirueta, ele se atirou na fita de paleta.

É muita percepção. Andar na fita não é mole, não.

Mas o segredo da evolução é chest no inverno e butt bounce no verão.

Na fita, na fita é onde eu quero estar.”

André Amaral Marques

RESUMO

A prática do slackline em Porto Alegre tem evoluído e se constituído de diferentes maneiras na perspectiva de seus praticantes. Este trabalho de conclusão de curso trata do esforço de compreensão sobre as representações destes praticantes de slackline sobre sua configuração na cidade de Porto Alegre / RS. Para tal, o problema de pesquisa foi formulado da seguinte maneira: Como o slackline está se configurando na cidade de Porto Alegre, na perspectiva de seus praticantes? Esta pesquisa é de corte qualitativo. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 15 participantes, diálogos e observações que remetem a própria aproximação da autora com o universo desta prática corporal. Este aspecto merece destaque porque exigiu estranhamento e, ao mesmo tempo, permitiu reunir informações próprias de quem circula no meio. A análise e discussão foram organizadas a partir de três fases, quer sejam: Origem, popularização e profissionalização. Foi possível entender que o slackline inicia contemplando um estilo mais recreativo e vem se configurando de maneira extremamente veloz em esporte de rendimento, ganhando cada vez mais adeptos/praticantes e consumidores a cerca da marcedorização criada em torno da prática.

Palavras-chave: Slackline. Pesquisa qualitativa. Porto Alegre.

ABSTRACT

The practice of slackline has been developed in different ways through the insiders perspective. This paperwork is the effort of understanding about the representations of the people who practices slackline and its configuration in the city of Porto Alegre / RS. The research problem was formulated as follows: how the slackline is shaping up in the city of Porto Alegre, in the perspective of the slackliners? This research is qualitative, in which were conducted semi-structured interviews with 15 people, dialogues and observations that refer to the author's own approach with the practice of the same. This aspect is featured because there was unfamiliarity required and at the same time, allowed to gather specific information from who is inside the practice. The analysis and discussion were organized through three phases, either: Origin, popularization and professionalization. It could be understood that the slackline starts contemplating a recreational setting and has been growing extremely fast in performance sports, gaining more followers and consumers.

KEY WORDS: SLACKLINE, QUALITATIVE RESEARCH, PORTO ALEGRE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1. SLACKLINE – CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA	12
1.2. PRÁTICAS CORPORAIS: DO LAZER AO ESPORTE.....	18
2. METODOLOGIA.....	22
2.1. PESQUISA QUALITATIVA.....	22
2.2. INSTRUMENTOS DE COLETA	22
2.2.1. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	22
2.2.2. DIÁLOGOS.....	22
2.3. PARTICIPANTES.....	23
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	24
3.1. “VOCÊS SÃO DO CIRCO?” – DO RECREIO DA ESCALADA À URBANIZAÇÃO.....	24
3.2. GALERA DA FITA LARGA – TRICKLINE: A POPULARIZAÇÃO DA PRÁTICA.....	28
3.2.1 PRIMEIRA GERAÇÃO – O INÍCIO DO TRICKLINE EM PORTO ALEGRE.....	32

3.2.2 SEGUNDA GERAÇÃO –	
A POPULARIZAÇÃO DO TRICKLINE EM PORTO ALEGRE.....	36
3.3 PROFISSIONALIZAÇÃO – SERÁ ESSE O CAMINHO?.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE.....	55
ANEXO.....	56

INTRODUÇÃO

O slackline é uma prática corporal que vem se desenvolvendo durante as últimas décadas, cujo princípio é completar a travessia sobre uma fita, normalmente de nylon ou poliéster, estendida entre dois pontos fixos, trabalhando diversas valências físicas, dentre elas, principalmente o equilíbrio. Sua origem é associada aos escaladores que frequentavam o Vale de Yosemite, na Califórnia, entre meados dos anos 70 e 80. Estes escaladores praticavam o slackline como alternativa de lazer em momentos não propícios para a escalada. Desde então a prática vem se desenvolvendo por todo o mundo, popularizando-se no Brasil há aproximadamente quatro anos, tendo como berço nacional a cidade do Rio de Janeiro.

Observa-se que esta prática teve crescente número de adeptos nos últimos anos, formando assim um movimento social em torno dela. Expandiu-se por diversas capitais brasileiras como uma prática recreativa alternativa, principalmente entre os jovens. Em Porto Alegre, o slackline teve seus primeiros praticantes no início de 2005, que utilizavam os parques e praças públicas como principal local de prática. Neste curto espaço de tempo, muitos dos praticantes adotaram o slackline não apenas como uma forma de lazer, mas ainda como esporte e estilo de vida.

Hoje o slackline apresenta-se como elemento constituinte da cultura corporal de movimento em dimensão mundial. Em Porto Alegre, parece influenciar fortemente os hábitos de lazer e esportivos dos atores sociais imersos a este contexto, modificando suas relações com a prática, o que possivelmente é fator decisivo para a direção de sua trajetória.

Mediante a este cenário torna-se relevante compreender como o slackline está se configurando na cidade de Porto Alegre, na perspectiva de seus praticantes, visto que a prática apresenta constantes mudanças no que diz respeito a sua execução, estrutura e finalidade. Em relação aos seus praticantes, faz-se necessário compreender qual o sentido atribuído por eles frente à prática: lazer, esporte ou estilo de vida? Para isto, o estudo se propõe a reconstruir a trajetória do slackline em Porto Alegre, demonstrando as principais mudanças ocorridas desde sua origem: do lazer ao esporte. Pretende ainda descrever o estilo de vida comum a seus praticantes.

Por fim, é importante destacar que até o presente momento verifica-se insuficiência de estudos em torno desta prática, o que reforça a importância de desenvolver uma pesquisa nesta área. Durante a pesquisa, foram encontrados apenas dois artigos científicos relacionados à modalidade, sendo eles: *Improved postural control after slackline training is accompanied by reduced H-reflexes*, publicado pela *Scandinavian Journal Of Medicine & Science In Sports*, em nove de novembro de 2010 e *Slackline Training for Balance and Strength Promotion*, publicado pela *Training & Testing*, em 11 de junho de 2010.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1) SLACKLINE – CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA

Para que possamos compreender as configurações da prática do slackline em Porto Alegre neste momento – final de 2012 -, faz-se necessário conhecermos sua história, destacando sua origem e expansão mundial. Portanto, farei aqui um esforço de reconstrução da história do slackline, desde sua origem até sua chegada à capital gaúcha.

Falo aqui em esforço de reconstrução dessa história, devido à falta de referencial teórico neste sentido, visto que o slackline é uma prática recente em nossa sociedade, e talvez, conseqüentemente, não tenha encontrado estudos científicos específicos, assim como, poucas das publicações em torno desta prática provem de fontes oficiais. Ao iniciar este estudo, pesquisei o tema nas principais revistas de educação física: Movimento, Pensar a Prática, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, nenhuma apresentou qualquer publicação relacionada. Portanto, o que será descrito aqui é um apanhado de informações coletadas de artigos publicados informalmente em redes sociais, blogs e sites da internet. Em suma, precisei resgatar as informações em locais diversos e propriamente não científicos.

Segundo o artigo publicado no blog 'esquema surf'¹, em dez de agosto de 2011, práticas corporais que se baseiam no equilíbrio sobre cordas são presentes em diversas culturas há muitos séculos. Ainda na Idade Média acrobatas se equilibravam em cordas sendo principais atrações de festivais e shows. Blondin e Farini (Artistas circenses – artigo publicado, em 22/09/10, por Michael Crabb), ilustram isto no século 19, quando ficaram mundialmente conhecidos por realizarem a travessia das Cataratas do Niágara equilibrando-se em um cabo de aço. Blondin realizou a travessia no ano de 1859, seguido por Farini no ano seguinte, este

1 Disponível em <http://www.esquemasurf.com/2011/08/10/slackline-a-arte-do-equilibrio>

acontecimento tem registro em vídeo, disponível no site de compartilhamento de vídeos *youtube*².

No site da UNESCO³ é possível encontrar o registro de uma prática que é administrada como patrimônio cultural, denominada Jultagi, que é uma representação cultural do equilíbrio, nas sociedades orientais. A prática consiste em realizar acrobacias sobre uma corda estendida entre duas extremidades fixas, onde o acrobata é acompanhado por performance musical e humorística.

Philippe Petit é também um equilibrista mundialmente conhecido, desde que em 1974 colocou um cabo de aço entre as Torres Gêmeas, do finado *World Trade Center*, em New York e atravessou-a oito vezes, durante uma hora. Sua proeza está documentada no filme *Man on wire*⁴, vencedor do Oscar de 2008, como melhor documentário.

Estes acrobatas possivelmente foram fontes de inspiração para os pioneiros do Slackline, mas apesar desta influência, segundo diversas publicações em site e blogs esportivos, como, por exemplo, o esquema *surf*, ele tem sua origem diretamente associada ao esporte de escalada. Esta modalidade é muito praticada e desenvolvida no Vale de Yosemite, na Califórnia, desde que foi descoberto pelo homem moderno, em 1851. Regularmente, escaladores do mundo inteiro realizam expedições ao parque em busca de novas vias de escalada.

Segundo a matéria do Slacknews⁵, de 23 de maio de 2011, em meados dos anos 1970 alguns frequentadores do acampamento quatro do parque, como por exemplo Adam Grosowski, Jeff Ellington, Tucker Chongo, Balcom Scott Carter e Darrin, começaram a popularizar o costume de equilibrarem-se sobre suas fitas de segurança, estendidas entre árvores. Logo perceberam que esta prática, além de diverti-los e entretê-los em dias impróprios para a escalada, mantinha seus músculos ativos durante esses dias, o que aumentava seu rendimento no esporte.

O caminhar na corda bamba tem sido praticado em torno de muitos séculos, como já foi exemplificado anteriormente, porém a prática iniciada em Yosemite apresenta alguns aspectos singulares: A corda de escalada é constituída quase que

2 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=lii9j95tqlw&feature=related&noredirect=1>

3 Disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/es/RL/00448>

4 Disponível em <http://manonwire.com/>

5 Disponível em <http://slacknews.blogspot.com.br/2011/05/historia-do-slackline.html>

totalmente por nylon ou poliéster, com alguma porcentagem de elastano, proporcionando maior elasticidade, diferindo da tensão produzida pelo cabo de aço usado por artistas de circo, ou mesmo como a corda utilizada nas práticas coreanas. Além disso, a caminhada é feita sobre fitas planas, o que caracteriza a então nova prática conhecida como Slackline.

Os precursores do slackline, citados acima, desenvolveram a prática, mantendo suas raízes na escalada, criando assim, um estilo, conhecido hoje como highline⁶, ou seja, a prática do slackline em grandes alturas.

O que aconteceu é que não mais eles brincavam na “corda bamba” apenas em horas inadequadas para a escalada, mas também, desafiavam a si próprios e a gravidade, estendendo suas fitas tubulares entre uma montanha escalada e outra, para realizar a travessia em equilíbrio. A primeira travessia completa, foi realizada em 1983, na montanha conhecida como *Lost Arrow Spire*, no Vale de Yosemite, Ca/EUA, pelo escalador Scott Balcom. Seu feito está registrado em vídeo, disponível no site de compartilhamento de vídeos *youtube*⁷.

Após a divulgação mundial das travessias conquistadas pelos primeiros praticantes de slackline, cada vez mais pessoas começaram a praticar esta atividade. Inicialmente ela foi sendo difundida apenas entre escaladores, no entanto, com o passar dos anos, mais e mais interessados arriscaram-se testando seu equilíbrio.

No Brasil, o slackline chegou através de seus pioneiros, os escaladores, que com o mesmo intuito dos Californianos, começaram a se aventurar em equilíbrio nas fitas tubulares de segurança.

Hugo Langel⁸ foi o precursor do *highline* no Brasil, segundo o canal da Viacrux⁹, na internet, ele começou a praticar slackline aos 16 anos, sendo

6 O Highline é praticado em alturas superiores a 5 metros. Esta modalidade requer muita experiência e conhecimento de alpinismo, pois é necessária utilização de equipamentos de segurança e conhecimento técnico de sistema de redução. Além do preparo físico e concentração, controle mental é fundamental para manter em equilíbrio sentimentos como medo, ansiedade e adrenalina em grandes alturas. Disponível em:
<http://www.gibbonslacklines.com.br/sobre2.html>

7 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c6RYJFz1tqI>

8 Hugo Langel é atleta de slackline, especialista na modalidade de highline, patrocinado pela marca TNT apresentador do programa Montanhistas do Canal Off.

9 Disponível em: http://www.viacrux.net/Index/01Noticias/not_jul02_2007.htm

apresentado à prática na cidade de São Bento do Caí em São Paulo, por sua amiga e também escaladora Roberta Nunes. Após alguns anos de prática, em 14 de julho de 2006, Hugo realizou, o que ficou conhecido como o primeiro e maior *highline* do Brasil, na Pedra da Gávea, Rio de Janeiro. Este feito parece ter sido o passo inicial para a chegada do slackline ao país.

Paralelo a isto, o slackline começa a ganhar cada vez mais adeptos, mundo a fora, no entanto, agora não apenas escaladores, mas também esportistas de outras modalidades, como surf e skate, por exemplo. Com a prática expandindo-se para além dos praticantes de escalada, novas formatações dela começaram a surgir, principalmente em termos de equipamentos utilizados e estrutura física e ambiental. O que fomenta o início de um mercado acerca do slackline.

Em 2007, há o surgimento de uma marca/empresa norte-americana especializada em equipamentos para a prática, a Gibbon Slacklines, que segundo relato em sua página virtual, é pioneira na invenção do equipamento específico.

Desde 2007, a Gibbon representa uma nova geração com novos conceitos de slackline.

A Gibbon, que começou como uma brincadeira entre amigos apaixonados por slackline, hoje se transformou numa febre mundial, atraindo "slackliners" do mundo inteiro.

Junto aos nossos parceiros e à comunidade slackliner espalhada pelo mundo, promovemos este novo esporte e seu estilo de vida, seja pela internet ou em campo, pois já somos muitos no mundo, do Japão ao Brasil, dos Estados Unidos a Europa. Vivemos a Slacklife!

(Fonte: www.gibbon.com)

Assim, a Gibbon diz trazer um novo conceito de slackline para o mundo. Conceito este, que não parece estar mais tão atrelado aos esportes das montanhas, pois possui a partir de então, seus próprios subsídios em relação a equipamentos específicos para prática. Além de comercializar equipamentos específicos, a marca afirma difundir o slackline mundialmente, propiciando a popularidade de outras modalidades, sendo elas: o *waterline*, que se trata do slackline realizado sobre uma superfície aquática, como lagos, mar ou piscinas; o *longline*, que consiste em realizar a travessia sobre a fita com extensão mínima de 25 metros; e o *trickline*, esta que é a modalidade mais popular do slackline e tem como objetivo a realização de manobras, ou "*tricks*" (truques).

Após iniciativas como criação de equipamento específico, definição de distintas modalidades, a trajetória do slackline começa a direcionar-se à

esportivização, a partir da realização de campeonatos de *trickline*. Segundo informações constantes no site da empresa, a Gibbon, desde 2009, promove a *world cup slackline*, competição que reúne os melhores atletas do mundo. No entanto, em suas primeiras edições não havia regulamentação específica, até que em 2011, foi criada a World Slacklines Federation - WSFed, que tem como principal objetivo, regulamentar as regras de competições mundiais, segundo consta em sua página virtual. Atualmente a WSFed, é responsável pelo *ranking* mundial¹⁰ dos atletas de slackline, apresentando entre os primeiros colocados um brasileiro de 19 anos, Igor Zambelli, que conquistou o título mundial na etapa ocorrida na Áustria em primeiro de setembro de 2012.

O *trickline* é a modalidade de *slackline* que ganhou mais adeptos em diversos países, assim como no Brasil. Aqui sua porta de entrada foi também a cidade do Rio de Janeiro, que conforme vimos anteriormente, foi palco para o primeiro *highline*, em 2006, quando o *slackline* ainda não tinha tantos praticantes em território nacional.

Segundo reportagem online¹¹ do Globo Esporte, o *slackline* começou a conquistar seguidores, no Rio de Janeiro, em 2009, quando passou a ser mania nas areias da praia de Ipanema. A difusão deste crescimento em território nacional parece ser facilitada a partir da criação de grupos em redes sociais virtuais, que tem o intuito de facilitar a comunicação entre *slackliners* de diversas regiões. Algumas delas podem ser encontradas na página do *facebook*¹². Acompanhando este crescimento, outras capitais vieram a ser palco de eventos e campeonatos de *slackline*, como por exemplo, São Paulo, que sediou uma competição de nível nacional promovida pela empresa SKL Slacklines¹³, em 30 de julho de 2012, sendo parte da programação da Virada Esportiva 2012¹⁴. Belo Horizonte, também demonstra participação neste cenário, a partir da realização do Campeonato Brasileiro Elephant Slacklines, em 25 de agosto de 2012, com organização da

10 Disponível em: http://wsfed.com/files/wrl_current.pdf

11 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/pb/noticia/2012/04/conheca-o-slackline-esporte-que-esta-tomando-conta-das-areias-de-jp.html>

12 Disponível em: <http://facebook.com>

13 Material de divulgação disponível em anexo 1.

14 Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/virada_esportiva/index.php?p=19934

empresa local, Pé na fita e Stone, como pode ser visto no regulamento do evento¹⁵. Mesmo com o aumento do cenário do *slackline* no Brasil, o estado do Rio de Janeiro, pioneiro na prática, continuou sendo referência da cena esportiva, destacando-se em eventos e competições desde 2010, conforme exemplo apresentado no site Inema¹⁶.

Em território carioca, iniciei meu envolvimento pessoal com o *slackline* em novembro de 2010, fato este, que proporciona dados empíricos para a reconstrução da história do *slackline* no presente estudo, reforçando a ideia acima, que se relaciona com o cenário do *slackline* na cidade do Rio de Janeiro. Passados quatro meses da minha vivência pessoal no *slackline*, retornei a Porto Alegre, em março de 2011 e aqui não encontrei o mesmo cenário deixado no Rio de Janeiro – com dezenas de praticantes equilibrando-se sobre a fita, em meio ao cotidiano da cidade – mas sim, um único grupo, que se encontravam durante algumas tardes no parque Marinha do Brasil, próximo a pista de skate. O grupo era composto por aproximadamente cinco pessoas, sendo que apenas dois ou três andavam sobre a fita.

Juntamente com eles, desde então, acompanho e faço parte da história do *slackline* em Porto Alegre. Com isso, para compreendermos as configurações que esta prática incorporou durante sua trajetória na cidade, penso que seja importante referenciar e discutir alguns conceitos acerca das práticas corporais, visto que o *slackline* pode ser classificado como uma.

15 Disponível em anexo 2.

16 Disponível em: <http://inema.com.br/mat/idmat117057.htm>

1.2) PRÁTICAS CORPORAIS: DO LAZER AO ESPORTE

A partir da reconstrução de sua história, vimos que o *slackline* é uma prática corporal recente, iniciada a partir da influência de outras atividades, sendo algumas dessas, práticas esportivas, de lazer ou ainda, artístico e cultural. Portanto, para que possamos compreender as configurações desta prática desde seu surgimento - para então chegarmos a atual forma como ela se desenvolve na cidade de Porto Alegre - precisamos entender alguns conceitos a cerca da mesma, a fim, também, de ter subsídios para classifica-la dentro de alguns desses conceitos.

Acompanhando a trajetória do *slackline*, começaremos tratando do conceito de lazer, pois a própria prática, como descrita anteriormente, surgiu como passatempo dos escaladores, em seus dias menos propícios para a escalada.

Dumazedier (2004) e Marcellino (2006) *apud* Vargas (2010), afirmam que os aspectos tempo e atitude são fundamentais para caracterizar as atividades de lazer, ou seja, a possibilidade de escolha das atividades no tempo livre e uma prática voluntariamente “desinteressada” constituem características básicas do lazer. Ainda, são características dessas ações a satisfação provocada na relação entre o sujeito e a experiência vivida e, o desenvolvimento das atividades no tempo disponível.

Utilizando este conceito podemos identificar características do lazer na prática do *slackline* desde sua origem, onde os praticantes voluntariamente desenvolveram um passatempo.

É notável, também, que o *slackline*, enquanto atividade de lazer, é praticado na maioria das vezes, em grupos, formados por indivíduos que normalmente compartilham semelhanças entre si.

Ainda citando Dumazedier (2004), Vargas (2010) traz a ideia de que as atividades de lazer contribuem para formar em cada grupo e em cada indivíduo um estilo de vida, que seria o modo como esses atores sociais se relacionam com a vida cotidiana e se estabelecem em suas relações sociais. Ou seja, segundo o autor, Dumazedier afirma que o tempo de lazer sustenta uma atitude que será “mediadora entre a cultura de uma sociedade ou de um grupo e as reações de um indivíduo às situações da vida cotidiana”.

Reforçando esta ideia, Costa (2000), afirma que “organizados em coletivos menores, os praticantes [...] ligam-se eventualmente, por interesses comuns. Animam-se as solidariedades entre microgrupos, encontram-se pessoas parecidas que convergem nos mesmos desejos e preocupações imediatas. Em torno dessas práticas são constituídas redes, partilhando entre si discursos, emoções intensas vivenciadas nas práticas e os sentidos por eles atribuídos a elas” (p. 8).

Ao encontro dos autores nota-se no *slackline* um envolvimento social para além da atividade física, onde seus atores sociais envolvem-se na prática apropriando-se dela como parte de sua vida social e cultural. Modificando assim, muitas vezes, suas atividades cotidianas em função da prática, como o contrário: a prática é modificada a partir de suas atividades e desejos cotidianos. Exemplificando esse segundo ponto, temos o surgimento das distintas modalidades do *slackline*, citadas anteriormente, pois a criação dessas diferentes formas de se praticar o *slackline*, parecem relacionar-se diretamente com os fatores influenciadores do modo de vida de seus praticantes.

Complementando este pensamento, Giddens (1997) apud Stigger (2002) afirma que a prática do esporte, no contexto do lazer, aparece como mais uma maneira de expressar um determinado estilo de vida, que está relacionado com as escolhas que as pessoas e os grupos podem fazer. Assim sendo, o estilo de vida constitui a maneira de ser de um indivíduo, que é influenciada por um contexto social mais ampliado, relativo às normas de conduta e posições socioeconômicas que lhe são impostas.

Entendendo que o *slackline* surge como atividade de lazer, é importante salientarmos a ideia de Vargas (2010), citando Marcellino, que, indica que ainda existem restrições, pois apesar da reconhecida importância do lazer, ainda assim “não se pode deixar de considerar que se trata de um termo carregado de preconceitos, motivados por um pretensu caráter supérfluo dessas atividades” (Marcelino 2006, p. 7).

Sustentando o pensamento do autor citado acima, podemos pensar a relação de esportivização da prática, visto que para seus praticantes parece evidente a importância do *slackline* enquanto atividade de lazer, no entanto ainda como uma atividade “supérflua” ou secundária a vida cotidiana. Talvez o desenvolvimento da mesma em termos de esporte tenha a desvinculado um pouco da ideia de ser apenas uma atividade menos importante em relação às atividades diárias.

Vargas (2010) traz apontamentos de Stigger (2002) que buscou compreender o esporte “enquanto uma prática social inserida no âmbito do lazer das pessoas comuns, vendo-o assim como um elemento constitutivo de diferentes estilos de vida”.

Mesmo com a forte presença de características de atividade de lazer, o *slackline* não se define apenas como tal, visto que a prática demonstra ainda, outras características associadas também ao esporte, este que é passível de diversas e ainda distintas classificações.

Segundo Almeida e Gutierrez (2004) nos locais públicos como nas praças e nos parques assistimos ao nascimento de um novo conceito de esporte, o chamado por Dieckert (1984) de “esporte de lazer”. Ainda afirmam que “as atividades de esporte de lazer são amplamente difundidas e praticadas, elas levam a um determinado grau de excitação que promovem o prazer, despertam emoções, evocam tensões de forma controlada.” Os mesmos autores buscam sustentação em Oliveira (1982), trazendo a ideia de que o esporte de lazer busca a alegria, o divertimento, o prazer e a sociabilidade. Conceitos típicos do lazer que são incorporados no esporte. A brincadeira é valorizada, a estrutura do jogo é alterada, a ideia de multiplicidade aparece com frequência, bem como a diminuição do preconceito dos melhores e piores praticantes.

Segunda Silva (2011) a passagem de algo que é visto apenas como lazer a esporte ocorre com o surgimento de regras que definam as ações, as condutas dentro de determinada prática. O que também significa que o processo civilizador ocorre no universo do esporte. Cita também que o prazer, algo característico de atividades esportivas, passa a ser diferente quando se compara práticas esportivas onde não existe um complexo conjunto de regras que o regulamenta e as práticas onde estas regras já estão altamente desenvolvidas. O que também está relacionado com toda a estrutura mais geral da sociedade.

Elias (1990) apud Vargas (2011) define esporte nos tempos modernos como sendo uma atividade que “incluiu sempre confrontos realizados para a satisfação de espectadores”. Ou seja, o esporte na modernidade é algo que carrega consigo a noção de espetáculo, de algo que deve ser praticado coletivamente e nunca por um único indivíduo.

Percebe-se aqui, que não há consenso entre os autores em relação a quais fatores definiriam uma prática como sendo esportiva ou lúdica, de forma que o esporte é conceituado diferentemente por alguns autores.

Júnior e Dias (2007) afirmam que o “problema conceitual acerca dos esportes, quer seja nas suas novas adjetivações, quer seja nas definições sociais e academicamente estabelecidas, mostram que esta discussão ainda é insuficiente.” Finalizam dizendo que “esta incompletude fica ainda mais evidente quando nos referimos a práticas esportivas surgidas mais contemporaneamente, como os esportes de aventura”, visto que as ciências sociais ainda não dedicaram estudos suficientes nesta área.

Para Stigger (2002) “poder-se-ia atribuir esta dificuldade ao grande número de atividades já existentes no âmbito da chamada cultura corporal, às quais – nos dias atuais – tenta-se atribuir o status de esporte”, visto que estas “passam a ser praticadas de forma organizada, ou seja, com regras padronizadas, com regulamentos rígidos, vinculados a federações etc.” Complementa afirmando que , da mesma forma, faz-se possível “pensar nas novas práticas emergentes (candidatas a esporte) que aparecem todos os dias no mercado esportivo, como, por exemplo, os esportes californianos¹⁷ ou esportes radicais¹⁸.”

17 Trata-se, conforme a sugestão de Christian Pociello (*op.cit*), de novas formas de práticas esportivas surgidas nos Estados Unidos (especificamente na Califórnia) que vão introduzir novas dinâmicas ao desenvolvimento do campo esportivo, especialmente quando visto à luz das suas origens européias.

18 (radical spots) ou “esportes extremos” (extreme sports). De origem norte americana, as expressões têm relação com a organização de eventos esportivos tais como “X-Games”. A ênfase estaria nas “sensações extremas” proporcionadas por manobras acrobáticas.

2) METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1) PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa, pois este tipo de pesquisa considera que a abordagem deve ser feita de maneira intensiva, o que implica a participação do pesquisador no universo de ocorrência do problema de pesquisa, que não pode ser traduzido em números. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. A pesquisa qualitativa se dá porque é especialmente indicada para situações em que a teoria não é suficiente para solucionar o problema e o pesquisador necessita buscar em campo as variáveis que serão consideradas na análise. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. É descritiva e os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. Dencker (2000, p. 124), descreve a pesquisa descritiva:

A pesquisa descritiva em geral procura descrever fenômenos ou estabelecer relações entre variáveis. Utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados como o questionário e a observação sistemática. A forma mais comum de apresentação é o levantamento, em geral realizado mediante questionários e que oferece uma descrição da situação no momento da pesquisa.

2.2) INSTRUMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

Entrevista semi-estruturada

Diálogos

Observações

2.3) PROCESSO DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

Filmagem e gravação de áudio

2.4) PARTICIPANTES

A pesquisa contou com a participação de quinze entrevistados, de ambos os sexos, idades entre 16 e 34 anos, todos praticantes de *slackline* da cidade de Porto Alegre. Os entrevistados foram selecionados a partir da aproximação pessoal estabelecida com a pesquisadora, uma vez que são pertencentes do mesmo grupo social acerca do slackline. Nesta perspectiva, o intuito consistiu em compor um grupo diversificado em idade, sexo e tempo de prática, afim de abranger diferentes percepções relacionadas com a prática.

3) ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1) “Vocês são do circo?” – do recreio da escalada à urbanização

Ao iniciar a coleta de dados desta pesquisa, por meio da entrevista semi-estruturada descrita anteriormente, tive como um dos objetivos primordiais identificar onde, quando e com quem se deu a origem do *slackline* na cidade de Porto Alegre. Como praticante e integrante do grupo social que envolve o *slackline* nesta cidade, tinha previamente uma ideia que se baseia em experiências de convívio entre os praticantes. Ideia esta que me levava a acreditar que o surgimento do *slackline* em Porto Alegre apresentou-se de maneira singular, tendo ele sua origem já na modalidade do *trickline*, no ano de 2009, através do grupo de praticantes e empresa local Slack Proof. Este pensamento parecia estar se confirmando na medida em que eu realizava as entrevistas, pois muitos dos praticantes compartilhavam dele:

“Eu não sei quem foi o primeiro, mas quem eu via que andava muito e há muito tempo, porque já tinha um slack bem avançado era o Darwin, depois eu vi o Gabriel Saraiva e o Plauto.”

Após ter esta informação descrita por vários dos entrevistados, conversei pessoalmente com aqueles citados até então como pioneiros na prática local.

Darwin, praticante de *slackline* há dois anos, conheceu a prática em Santa Catarina, no verão de 2010. Quando retornou a Porto Alegre, comprou um kit de *slackline* que viu, por acaso, a venda em uma loja de surf da cidade. Ao comprar o produto, percebeu que era de uma marca local, então resolveu entrar em contato com a empresa fabricante, a Slack Proof. Neste contexto Darwin relata:

“Eu comecei a andar com o Gabi, porque eu vi que eram as únicas pessoas que andavam em Porto Alegre e são as pessoas que tinham a marca, então, eles ali, andavam mais direto.”

Gabriel Saraiva é atleta¹⁹ da Slack Proof e representante da empresa, juntamente com seu irmão Plauto Saraiva e seu primo Vinícios Saraiva, os sócios-fundadores. Ao entrevistá-lo, perguntei sobre o possível pioneirismo na prática local, foi aí que uma nova informação surgiu, modificando o rumo da reconstrução dessa história: “O mais antigo que eu ouvi falar foi o Odilei e os amigos dele (...)”.

Em entrevista com Odilei Medeiro, tive mais informações sobre a primeira fase do *slackline* local, fase esta, que identificarei aqui como ‘embrionária’, definindo-a, assim como a origem da prática do *slackline* na cidade de Porto Alegre.

Para maior compreensão da fase embrionária, descreverei brevemente algumas informações relacionadas ao entrevistado que caracteriza, dentro da presente pesquisa, o surgimento do *slackline* na capital gaúcha.

Diferentemente dos demais entrevistados, não contatei Odilei para realização da entrevista por proximidade social, mas sim, porque sabia que ele havia sido jurado de uma competição de *slackline* realizada em Porto Alegre, em maio de 2011. Odilei trabalha com segurança e resgate em alturas há 12 anos e é praticante de montanhismo desde o ano 2000. A partir disso, teve contato com o *slackline*, em 2005, num “pico” de escalada da cidade de Canela, conhecido como Canastra. Ele conta: “Eu tive contato através de amigos escaladores, o Mois e o Sequinho, eles que apresentaram pra mim o *slackline*.”

Odilei conta que o *slackline* surgiu para eles como uma forma de passatempo em suas *trips* de escalada pelo interior do estado e também para fora dele: “Na base, no acampamento (...) tá todo mundo de bobeira, tomando um chimarrão, ai vamos fazer slack, ou levamos uma bolinha, vamos fazer umas embaixadinhas, se não tinha o que fazer era uma atividade.”

Buscando referências em Dumazedier (2004) e Marcelino (2006), é possível caracterizar o *slackline* praticado por eles, como uma atividade de lazer, contendo as características básicas desta, que segundo os autores estão relacionadas com os aspectos tempo e atitude. Neste caso os praticantes demonstram a possibilidade de escolha das atividades no tempo livre, fazendo desta, uma prática voluntariamente “desinteressada”, elementos que constituem as características básicas do lazer.

19 O termo atleta, utilizado neste caso, será discutido à frente na pesquisa.

Igualmente como no Vale de Yosemite, quatro décadas antes, para Odilei e seus amigos, o *slackline* surge, então, como o recreio da escalada, onde o objetivo é se divertir quando os dias no acampamento não estão propícios para realizar a atividade principal: subir a rocha. Além disso, assim como em Yosemite, aqui no estado, com o grupo de amigos do Odilei, essa prática se desenvolveu por algum tempo apenas entre os escaladores, fora da cidade, em meio à natureza, caracterizando assim, o que definirei nesta pesquisa como o '*slackline* da montanha'. Em sua fala, Odilei descreve a relação que o praticante do '*slackline* da montanha' tem com a sua prática: "O cara da montanha já faz isso, ele vai pra montanha escalar e ficar em contato com a natureza e aí ele não tá se mostrando, ele não tá na praça. É teu estilo de vida, todo final de semana tu sabe que tu vai escalar e tá tudo lá reunido."

Mas já evidencia-se que, atualmente, o *slackline* não se restringe aos ambientes montanhosos, pois, como já citado no presente estudo, existe uma possível origem urbana; um grupo de praticantes em Porto Alegre, donos de uma marca de *slackline*. Este momento será definido aqui, como a '*urbanização do slackline*.' Com isso, surgem algumas perguntas: Quando e como ocorreu a urbanização do *slackline* em Porto Alegre? De que maneira o *slackline* deixou de ser apenas uma prática da montanha para invadir os parques e praças públicas da cidade? Porque grande parte dos praticantes locais associa uma possível origem da prática local aos criadores da empresa Slack Proof, no ano de 2009?

Diante desses questionamentos, através da entrevista com Odilei, pude encontrar informações essenciais para a reconstrução da história do *slackline* em Porto Alegre, evidenciando a urbanização do *slackline* a partir da maneira como este grupo de amigos desenvolveu sua prática.

Depois de realizarem algumas "trips" de escalada para o interior do estado, alguns lugares da região Sul do país e até mesmo para o exterior, sempre com o *slackline* presente, chegou um momento em que eles estavam em Porto Alegre, ainda no ano de 2005, e, segundo o próprio Odilei, pensaram: "ah, não tinha o que fazer, vamos esticar a fita na praça." Ele me contou que "o Moisés, ele fabrica equipamentos de escalada, mochila, várias histórias, então, ele pegou uma fita - como ele trabalha com costura - costurou uma fita, longa, né... pra gente amarrar nas árvores e aí a gente criou um *slackline*. Foi o primeiro *slackline* que se tem registro em Porto Alegre."

A partir desta citação do Odilei, pude constatar que, de fato, a urbanização do *slackline* teve seu “start” neste momento. Visto que pela primeira vez os praticantes de *slackline* de Porto Alegre, deixaram o ambiente da montanha para então praticá-lo em um ambiente urbano. A cidade, “designadamente a grande aglomeração urbana é um dos órgãos mais representativos da nossa sociedade contemporânea. É, nas suas estruturas, a matriz que imprime sua marca a grande número de fatos sociais”. (Elias, 1987, p. 14). Baseando-se em Elias (1987), Lucena (2001) afirma que o esporte é carregado de significados, quando concebido pelas sociedades diversificadas e complexas da atualidade como passatempos ou espetáculo, possivelmente emergindo como um campo de novas configurações.

O *slackline* urbaniza-se no momento em que é trazido á cidade, sob as características descritas pelos autores citados acima, abrangendo a partir deste momento um campo de novas configurações na sua prática e desenvolvimento urbano. Verifica-se desta forma, que a origem do *slackline* em Porto Alegre, é sim urbana, no entanto, diferentemente do que muitos de seus praticantes, inclusive eu, pensávamos, não se origina diretamente na modalidade do *trickline*, que será abordada posteriormente.

Este momento é considerado nesta pesquisa como a transição da fase embrionária do *slackline* para a urbanização dessa prática. Segundo conta Odilei, a prática urbana passou a ser cada vez mais frequente: “Daí a gente começou a andar direto, sempre aonde ia. Escalador é assim: sempre aonde vai tem uma fita, se tu vai pra casa na serra, tem uma fita; se tu vai pro sítio em Viamão, tem uma fita esticada, é comum, assim.” E ele conta, ainda, que em Porto Alegre, normalmente instalavam a fita para a prática na Redenção²⁰ e no Parcão²¹ em um grupo de cinco ou seis amigos, durante o ano de 2005. “Só que a gente não via ninguém andar, ninguém, só a gente andava. Então a galera vinha: ‘ah, vocês são de circo?’ E a gente: ‘Não, a gente caminha porque a gente curte. Dá uma concentração, equilíbrio e tal né, isso é bom tanto pra vida, quanto pra escalada.”

Como já referenciado nesta pesquisa anteriormente, existe a possibilidade de uma influência circense na prática do *slackline*, porém é possível

20 - Nome popular do Parque Farroupilha, que será utilizado no presente estudo a fim de identificar o local.

21 - Nome popular do Moinhos de Vento, que será utilizado no presente estudo a fim de identificar o local.

pensar que isto se faz muito mais presente no pensamento comum das pessoas que desconhecem a prática do que, pontualmente, na origem dela ou entre seus praticantes.

Neste momento de transição, a “galera da montanha” frequentemente passa a praticar o *slackline* em meios urbanos, porém, ainda com muitas características do ‘*slackline* da montanha’ sendo mantidas, como por exemplo, o objetivo da prática, que era a diversão; os equipamentos utilizados: fitas finas, ou, tubulares de 25mm, utilizadas apenas para caminhada, com o objetivo de completar a travessia da mesma. Exemplificando essa afirmação Odilei diz: “(...) nossa história é andar na fita fina, não puxar manobra, sabe.”

Odilei e seus amigos de escalada mantiveram a prática do ‘*slackline* da montanha’ em meio urbano, no Parcão e na Redenção, durante os anos seguintes, aumentando pouco a pouco o número de integrantes do círculo de amizade. Esse aumento na quantidade de pessoas praticantes teve contribuição com o Nery, que segundo Odilei era um “camarada” deles também. Ele adquiriu uma fita e começou a estica-la nos parques da cidade. Esse aumento de praticantes começa a dar forma para a próxima fase do *slackline* em Porto Alegre, a popularização da prática, que parece ter início do ‘movimento do *trickline*’, abordado a seguir.

3.2) Galera da fita larga – *trickline*: a popularização da prática

“A primeira vez que eu vi, assim, foi na Gamboa, com um rastafári que tava com a fita no morro.”

“Eu conheci um cara que veio da Alemanha, ele já praticava *slackline* lá (...) conheci ele através de uma trip que fizemos pra Guarda do Embaú”.

“A primeira vez que eu vi *slackline* foi num encontro regional dos estudantes de biologia, que foi na Guarda do Embaú, em 2011, eu acho”.

“Eu comecei a fazer *slackline* na praia Brava, lá em Itajaí, em Santa Catarina, com o Gio, um amigo que eu conheci lá, inclusive”.

Grande parte dos praticantes entrevistados nesse estudo, relataram ter tido o primeiro contato com o *slackline* em lugares fora de Porto Alegre, ou mesmo do Rio

Grande do Sul. Um local muito citado por todos, como sendo de início da sua prática, foi nosso estado vizinho, Santa Catarina. Teria este fato alguma relação com a posterior popularização do *slackline* em Porto Alegre? Busquei responder esta questão em entrevista com o Vinícios Saraiva, fundador da empresa Slack Proof, que relata sua história com o *slackline*, tendo início justamente no litoral catarinense:

“Eu cheguei em Florianópolis em 2001 (...) conheci um camarada da faculdade, César Cisterolli, o cara da escalada ‘afú’ assim, encarnado, e ele já conhecia o *slackline* de ‘trips’ que ele tinha feito pra fora do Brasil, assim, pro Chile, essas ‘trips’ de escalada”.

Vinícios relatou que começou a praticar *slackline* no Costão do Santinho, em Florianópolis, onde dividia uma casa alugada com César. Lá, esticava uma fita tubular de 25mm, sem mosquetão²² ou qualquer outro equipamento que auxiliasse na tensão da fita. A brincadeira inicialmente era praticada apenas pelo amigo escalador, quando o tempo não estava propício para escalar em algum ‘pico’ local, então ele montava o slack ali mesmo, no portão de casa. Com o passar do tempo, mais amigos começaram a frequentar a casa para brincar no slack, foi ai que Vinícios começou a treinar o caminhar na fita também.

Analisando o relato descrito acima, podemos identificar características semelhantes ao que aconteceu em Porto Alegre, alguns anos depois, como foi relatado no capítulo anterior, onde o ‘*slackline* da montanha’ passa por um processo de urbanização. Visto que nesta ocasião também permanecem as características de lazer conceituadas anteriormente, assim como o principal objetivo da prática, que se restringia apenas ao caminhar na fita e realizar manobras estáticas. Ainda nessa situação os equipamentos utilizados, como relatado pelo entrevistado, eram os mesmos equipamentos provindos da escalada, desta vez, no entanto, ainda mais rústicos, segundo conta Vinícios.

Algum tempo depois, Vinícios se mudou para a praia do Campeche, onde não tinha mais um *slackline* para brincar, pois o equipamento que utilizava era do seu amigo e ex-companheiro de casa. Em sua nova morada, a brincadeira de equilíbrio restringia-se as correntes de um estacionamento local, onde segundo ele, “a galera brincava de se equilibrar, porque era o que tinha”.

22 - Equipamento próprio de escalada utilizado para travar cordas.

Com essa experiência na bagagem, Vinícios volta a morar em sua cidade natal, Porto Alegre, no início de 2009. Ele conta que logo que chegou, começou a trabalhar na empresa Panda Trabalho em Altura, onde havia uma equipe de alpinistas trabalhando, foi então que começou a procurar informações para adquirir um equipamento para praticar *slackline*. Um dos donos da empresa viajava diversas vezes ao ano para o Chile e em uma dessas viagens, trouxe de lá equipamentos encomendados por Vinícios, pois na época, em Porto Alegre, não existia comércio de fitas especializadas. A encomenda consistia em: seis mosquetões, vinte metros de fita tubular de uma polegada, cinco metros de fita tubular de meia polegada; material que ainda caracteriza o ‘*slackline da montanha*’. Neste momento Vinícios começou a praticar *slackline* regularmente com seus primos Gabriel e Plauto Saraiva, aqui em Porto Alegre, como demonstra Gabriel em sua fala:

“A gente se unia bastante nas tardes pra andar, meio que em família, assim (...) mais pra ficar com a família e tal, junto com uma diversão a mais no parque”.

A partir dos depoimentos dos primos Saraiva, percebe-se que a prática de *slackline* iniciada por eles em Porto Alegre, assemelha-se muito com o ‘*slackline da montanha*’, porém tendo início já em meio urbano e desenvolvido agora por atores sociais que não emergem o meio social da escalada, o que talvez possa ter sido o ponto inicial pelo gosto das manobras, pois segundo contam Gabriel e Plauto, eles não ficaram muito tempo praticando o *slackline* em sua forma inicial: “Depois de andar na fitinha fina a gente descobriu a *trickline*, as catracas e descobriu as manobras mesmo”.

“E nós descobrimos que o slack era muito mais além disso, que o slack tinha milhões de modalidades (...) daí a gente começou a tentar fazer as outras e meu irmão tinha muita facilidade, então ele foi puxando a galera, foi puxando o nível”.

(Fonte: Trecho da entrevista de Plauto Saraiva)

Buscando conceituar a situação demonstrada, trago a ideia de Bourdieu (1984) apud González (2007) quando afirma que a localização dos indivíduos no

espaço das posições sociais é um forte condicionamento do tipo de práticas corporais nas quais os sujeitos se envolvem. Desta forma, nota-se uma aproximação ao gosto pelo *slackline* da montanha vinda dos praticantes de escalada, que ocupam uma posição social distinta dos praticantes urbanos, que neste caso, tem proximidade com outros esportes, como por exemplo, surf e skate. Referindo-se ao gosto pela realização de manobras no *slackline* trago um trecho do depoimento de Plauto, que afirma:

“o *trickline* é uma evolução do *slackline*, com certeza (...) e, eu acho que isso tem tudo a ver com a população jovem de Porto Alegre, que é a galera mais da manobra, mais do esporte extremo. Então tu vai pegar a gurizada do skate, do surf, eles vão se interessar mais por essa que não é aquela parada, que é mais dinâmica. Então na verdade esse é o esporte que é radical. O *slackline* em si, ele é um esporte zen. O *trickline* não é um esporte zen, então eu acho que ele fecha mais com o perfil da população mesmo”.

O pensamento de Plauto tem sustentação no depoimento de outro praticante, Maurício Viana, que afirma que “o que separou o *slackline* da escadala, foi o *trickline*”. Conta ainda que esta modalidade não se relaciona diretamente aos escaladores, visto que “o *trickline* não foi inventado por esses caras ai (...) os caras inventaram o *slackline* na essência do esporte que é o *longline*, que é a parada do equilíbrio, da concentração, do foco total.” Acrescenta que o desenvolvimento de uma determinada modalidade é determinado pela cultura, no que se refere ao estilo de vida criado em torno de cada modalidade.

Nota-se, neste caso que o gosto apresenta-se como elemento que principia a diferenciação entre os praticantes de *slackline* da montanha e os praticantes urbanos, no que se refere ao estilo de vida, ou seja, que a “propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras é a fórmula generativa que está no principio do estilo de vida” (Bourdieu, 1983, p. 83).

Plauto conta, que quando iniciaram sua pratica, não sabiam que existia um tipo de fita mais espessa que era utilizada com o objetivo de realizar manobras, pois conheceram o *slackline* a partir da pratica de escaladores, que utilizavam as fitas tubulares de 25mm. Mesmo quando buscavam referências em vídeos internacionais pela internet, o que encontravam eram imagens de praticantes andando sobre as

fitas finas de escalada e apenas fazendo manobras estáticas. No entanto, Vinícios relata que um dia encontrou um vídeo “gringo”²³ que mostrava um praticante realizando manobras aéreas sobre um fita mais larga.

“Começamos a ver uns vídeos da Gibbon e, a Gibbon tinha aquela fita (...) dai a gente precisava comprar uma Gibbon”.

Vinícios conta, que nesta época, ainda no início de 2009, quem andava de slack em Porto Alegre era ele e seus primos, e, a galera da escalada, que vinham a ser o Odilei e seus amigos. No entanto esses dois pequenos grupos não interagiam muito e tinham uma “vibe”²⁴ diferente, segundo o entrevistado, pois a galera da escalada “tava só por dar uma caminhada na fita” sem muita regularidade, enquanto eles já estavam bem fissurados na prática e em busca de evolução no que se refere a manobras. Referindo-se à galera da escalada, Plauto diz:

“Os caras faziam slack né, mas eles tinham feito na montanha, na puta que pariu lá, faziam slack lá, nunca tinham ido pros parques. Essa coisa do slack nos parques em Porto Alegre não era forte, porque a gurizada da escalada não ia, ela ia pros encontros de escalada e botava o slack lá”.

3.2.1) Primeira Geração – O início do *trickline* em Porto Alegre

Com o intuito de evoluir nas manobras aéreas e desenvolver o que conheceram em vídeos na internet como uma nova modalidade de *slackline*: o *trickline*, Vinícios e seus primos começaram a buscar equipamentos próprios para a prática, no entanto, tiveram grande dificuldade em encontrar fornecedores desses equipamentos no Brasil. Esta dificuldade, tornou-se motivação para que eles decidissem que ao invés de comprar um kit de *slackline* pronto, fabricassem seu próprio equipamento, como conta Vinícios, em seu depoimento:

“Um dia a gente tava saindo da Panda, eu e o Plauto, e tinha um caminhão estacionado na frente do escritório. Daí eu olhei no caminhão aquela catraca, linda, com umas fitas. Não tinha ninguém no caminhão, aí eu comecei a fuçar ali e achei uma

23 Gíria para denominar origem estrangeira.

24 Gíria que neste caso referente-se a energia, intuito e objetivo.

etiqueta que dizia da onde vinha o bagulho²⁵, ai eu arranquei a etiqueta e fui atrás do fabricante”.

Com o contato em mãos, os primos começaram a buscar alguns fabricantes a fim de encontrar aquele que julgavam ser o melhor, no entanto sem ter nenhum conhecimento profundo sobre o equipamento. Sabiam que estas fitas eram fabricadas para tracionar cargas em caminhões, mas assemelhavam-se muito as fitas vistas por eles nos vídeos da Gibbon, então, selecionaram o fabricante que julgaram ser o melhor e mandaram fabricar um kit, para teste, composto por uma tira de fita de 20m com espessura de 50mm e uma catraca de tensão.

“No começo foi por necessidade (...) porque não tinha equipo e eu não tinha 500 conto pra comprar um equipo top, nenhum dos guris tinha e a gente queria andar.”

Um ponto marcante da entrevista do Vinícios foi o momento em que ele narra como foi o dia do teste da fita protótipo que havia sido fabricada. Esta narrativa evidencia as diferentes visões entre os praticantes do *slackline* da montanha e do *trickline*: “O bagulho foi o deslumbre (...) todo mundo saiu machucado, foi muito irado, nós fomos pra lá e tava tudo molhado, nós tínhamos que testar o bagulho, nós estávamos na gana, loco, assim”.

O que contrasta, claramente com o depoimento do Odilei que me relatou que o intuito da galera da montanha é bem diferente, mantendo sempre a segurança em primeiro lugar e evitando lesões e machucados. Ele ainda ressalta que a galera do *trickline* não se preocupa muito com isso e termina dizendo que “o propósito não é se machucar, mas a galera acha bonito, parece que é troféu”.

Observa-se que os objetivos e visões dos integrantes de uma mesma prática, se constroem de maneiras distintas de acordo com a vivência prévia de cada praticante, formando-se assim grupos por afinidades de interesses e ideias.

Devido a essas diferentes visões, os primos Saraiva sentiram necessidade de aperfeiçoar seus equipamentos para dar inicio a pratica do *trickline* na capital, segundo eles, ninguém fazia isso por aqui, então criaram uma marca, a Slack Proof e começaram a fabricar os equipamentos para comercialização, com total intuito de divulgação do *slackline*. Este momento parece constituir o início da popularização do *slackline* em Porto Alegre, que se dá através da prática do *trickline* nos parques da

25 Bagulho aqui aparece como gíria para referenciar o equipamento preso ao caminhão.

cidade. Principalmente, nesta época, o Parque Marinha do Brasil e Moinhos de Vento, como demonstram os praticantes em seus depoimentos:

“Eu considero a evolução do *slackline* de 2009 pra cá (...) em 2009, quando a gente voltou da Patagônia, a gente começou a esticar a fita no Parcão”. Conta Odilei, afirmando que neste período mais pessoas começaram a andar de *slackline* nos parques, além de seu grupo de amigos, que se expandia cada vez mais. Foi então que, pela primeira vez, tiveram contato com a galera da Slack Proof. Nesta ocasião, os fundadores da empresa anunciaram aos demais praticantes que gravariam uma matéria para um programa da RBS TV, pedindo a ajuda deles para juntar mais praticantes para o dia desta gravação, que seria no Parque Marinha do Brasil. Odilei conta que este foi o primeiro contato que tiveram com o grupo da Slack Proof, que no momento já contava com mais adeptos.

Desde este primeiro encontro, os grupos estabeleceram uma relação de amizade, de forma que se encontravam as vezes nos parques e praticavam juntos, porém, não se mantiveram unidos por muito tempo, visto que tinham ideias distintas em relação a pratica, como justifica Odilei em sua fala:

“A galera da Proof teve um papel fundamental na divulgação (...) começaram os contatos com a galera da RBS, gravar comercial e escrever matéria, começaram a dar uma divulgada forte no esporte. Só que a nossa história é andar em linha fina, não puxar manobra, sabe.”

A partir de observações de campo e da interpretação das entrevistas, percebo que neste momento fica clara a diferenciação entre os dois estilos de *slackline* existentes em Porto Alegre, sendo que o *trickline* é o estilo que se desenvolve com força máxima a partir de então.

“A galera da escalada é a galera que faz slack pra pegar equilíbrio, pra pegar força, tipo, faz slack como passatempo. (...) A galera do *trickline* faz slack pra evoluir, a galera do trick quer saber de crescer, quer saber de voar, tá ligado?! A galera quer se aventurar, é que nem skate, tem a galera do *longboard* e a galera do *street*, é a mesma comparação²⁶.”

“Dai tu vê hoje a galera com fita larga (...) pouca galera tem fita fina.”

26 - Maurício faz uma comparação pertinente neste momento, onde representa a galera da escalada como a galera do *longboard* (modalidade do skate que tem como objetivo apenas o deslize sobre o skate com movimentos aproximados ao balanço do surf); associado também a galera do *trickline* com a galera do *street* (modalidade do skate que tem o objetivo da realização de manobras aéreas).

Reforçando esta ideia, Clarissa, 28 anos, praticante desde 2011, relata que “a cena aqui em Porto Alegre é totalmente *trick* (...)”, referindo-se a popularização do *trickline* local. Ela conta, ainda, que imaginava que este fenômeno fosse comum ao resto do mundo, considerando que o *trickline* fosse tendência mundial, baseada em vídeos populares na internet. No entanto, percebe que esta ideia não se aplica, ao conversar com um amigo francês, que conta que na região onde mora, na França, por ser muito montanhosa, o estilo predominante de *slackline* é o *highline*. O que evidencia um fator importante no desenvolvimento e popularização de um estilo de *slackline*, a geografia local.

Há uma crescente popularização do *trickline* em contraste a prática do *slackline* da montanha, que, em Porto Alegre, não parece expandir para além do que vinha sendo realizado, nesse primeiro momento. Nesta fase da história do *slackline* local, os principais atores sociais estão relacionados com a marca Slack Proof, sendo eles amigos e familiares dos sócios-fundadores, que mantinham sua prática em alguns pontos específicos da cidade, como, por exemplo, o batizado por eles, como *slackpoint* – região da orla do parque Marinha do Brasil que fica próxima ao estádio Beira-Rio – onde segundo Vinícius era o único lugar do parque que oferecia possibilidade de “esticar seu slack e curtir o pôr-do-sol”.

“A gente criou o *slackpoint* ali, que foi o primeiro que teve em Porto e que todo mundo sabia, assim, tipo, a pessoa não sabia o que era *slackline*, aí o cara explicava e - ‘bah...eu vejo uns magrão andando ali do lado do parquinho, ali no Marinha’ – era nós”.

Sucedendo esta fase, novos adeptos do *slackline* iniciam sua prática tendo contato primário com a modalidade do *trickline*. O que dá origem ao que os praticantes chamam de diferentes gerações.

Verifica-se através dos depoimentos que muitos dos praticantes identificam a Slack Proof como pioneira da modalidade do *trickline* em Porto Alegre, dando origem ao que definem como ‘primeira geração’. Outros praticantes, que iniciaram no *slackline* algum tempo depois ainda consideram-se pertencentes a esta geração, no entanto não parece haver um consenso entre eles do que diferencia cada uma delas, se é o período em que iniciou a prática ou o modo como evoluiu as manobras, parecendo estes, dois fatores principais. O que parece estar subjetivamente definido entre eles é a ideia de que existem três diferentes gerações: a primeira geração, a segunda geração e a geração *butt bounce*. Segundo alguns relatos, a primeira e a

segunda geração diferenciam-se por ter ou não pessoas que antecedem a prática do *trickline* local; já a geração *butt bounce* diferencia-se das duas primeiras em relação ao desenvolvimento da evolução de treino das manobras.²⁷

3.2.2) Segunda Geração – A popularização do *Trickline* em Porto Alegre

“A minha geração é a segunda geração e a que fez a parada explodir, entendeu?!”

Alguns dos praticantes consideram que a segunda geração, ou seja, as pessoas que começaram sua prática depois da existência da Slack Proof, aproximadamente um ano atrás, em meados de 2011, é responsável por um crescimento na popularização da prática. Nathan Herrmann, 29 anos, praticante desde setembro de 2011, conta em seu depoimento que em função da pouca quantidade de praticantes da ‘primeira geração’, o *slackline* ainda não tinha grande visibilidade nos parques, até meados de 2010. Ele apresenta a impressão de que houve de fato uma grande popularização após seu início na prática, juntamente com seus amigos. Em depoimento, conta que a partir disso levavam o *slackline* para os “centros populacionais”, para os parques de grande concentração de pessoas, como, por exemplo, a Redenção, o Marinha e o beco.²⁸ Enquanto os representantes da Slack Proof concentravam sua prática em locais mais afastados do parque Marinha do Brasil, o slackpoint.

De encontro ao pensamento de Nathan, Maurício, 21 anos, praticante desde meados de 2011, relata: “depois que eu comecei, o *trickline* tomou conta, começou a crescer muito (...)”. Conta que os “guris da Proof” já andavam, mas que pareciam andar com um intuito mais pessoal, em um canto do parque, para treinar para

27 Exemplificando a diferença existente entre as gerações Darwin explica: “Eu sou da geração atravessar a fita primeiro e depois pular.” Outros entrevistados, descreveram as características das duas primeiras gerações: “Eu sou da turma que começou pelas estáticas”, relata Clarissa Saraiva, se incluindo na primeira geração. André Barata, descreve como acontece a evolução de manobras: “A gente começou andando, depois começou a tentar fazer umas estáticas, depois lemurleap e daí a gente começou a querer dar as manobras sérias, tipo but bounce, chest (...)”. Nathan Herrmann identifica a geração Butt Bounce esclarecendo que a evolução de manobras não é completa, havendo queima de etapas: “Os caras que tão começando a andar de slackline agora (...) é a geração but bounce, eles não tem essas manobras estáticas na base, tá ligado?!”

28 Praça pública localizada no bairro Petrópolis, onde foi construído um slackpoint, a partir da ação voluntária de um grupo de praticantes da cidade, sob autorização da Smam.

competições online que aconteciam, por isso acabavam não divulgando muito. Finaliza dizendo que nessa época ninguém mais andava, além deles, então começou a praticar sozinho na Redenção e isso contribuiu muito para a popularização do *slackline*.

Nota-se certa relação entre a popularização da prática do *slackline* e os locais onde a prática acontecia, de acordo com as entrevistas. Conforme já referido anteriormente, desde o início de sua prática em 2009 até o ano seguinte, a slack proof, manteve-se sem agregar mais praticantes em suas sessões de slack, que ocorriam frequentemente em um “pico”²⁹ mais afastado do parque Marinha do Brasil, o “slackpoint”.

No entanto a partir de 2010, outras pessoas começaram a esticar fitas de *slackline* na cidade, estas que haviam conhecido a prática de forma distinta dos integrantes da primeira geração, como, por exemplo, o caso do Nathan e do Maurício.

Nathan conta que iniciou sua prática na Redenção, onde a Fayga, uma amiga distante, costumava fazer *slackline*, num gramado próximo ao Chafariz do parque, conhecido entre os frequentadores como o ‘pico dos malabares’ – área onde alguns malabaristas da cidade concentram-se para treinar acrobacias juntos. Fayga, por sua vez, conheceu o *slackline* no verão anterior, na Praia Brava, em Santa Catarina, onde após praticar diversas vezes na fita de um amigo, comprou uma fita de 15m de extensão, feita para tencionar cargas. Em Porto Alegre, Fayga, regularizou sua prática no *slackline* desde março do mesmo ano, segundo ela, levando sua “fita de caminhão” para “brincar” com as amigas, frequentemente, ao lado da pista de skate do Marinha, além do local citado, na Redenção.

Outro praticante que exemplifica esta nova fase do *slackline* em Porto Alegre é Darwin, que trabalha como barista e tem 24 anos. Ele iniciou no *slackline* antes da Fayga e do Nathan, em fevereiro de 2010, também no parque da Redenção, no ‘pico dos malabares’. Lá andou pela primeira vez com uma amiga que havia importado dos EUA um kit de *slackline*. Após a experiência, como descrito anteriormente, Darwin conta que estava em uma *surf shop* da capital comprando rolamentos novos para seu *skate*, quando viu um kit de *slackline* a venda e decidiu comprar. Algum tempo depois, percebeu que o produto que havia comprado era de uma marca local,

29 - Pico, neste caso, é utilizado como gíria que refere-se à local, lugar.

Slack Proof, foi então que entrou em contato com os representantes, a fim de pegar dicas sobre a prática. Encontrou-se pela primeira vez com Vinícius e seus primos no Parcão, lá, teve grande afinidade com Gabriel, que era o praticante que apresentava as manobras mais desenvolvidas, na época. Darwin por sua vez, mesmo com pouco tempo de prática estava na mesma “pilha”³⁰ que Gabriel, assistindo vídeos de manobras e tentando realiza-las. Segundo conta, ele quem incentivou a evolução de Gabriel, sendo “a pessoa que chegou pra pilhar, pra tentar coisa nova, meio pirado, meio insano, sem pensar nas consequências”. Reforçando esta ideia, Odilei relata: “(...) o primeiro cara que eu vi dar mortal, foi o Darwin, pilhando.”

Neste cenário, o slackline vai ganhando cada vez mais adeptos, como exemplifica André Barata – 30 anos, estudante de biologia e praticante de *slackline*, desde setembro de 2011 - quando diz que “as pessoas veem o *slackline*, acham ele bonito (...) a partir da curiosidade e do espetáculo que o *slackline* dá, as pessoas querem saber cada vez mais e querem praticar (...) cada vez mais pessoas vão entrando (...) andam na minha fita, na fita dos meus amigos”. Desta forma, os praticantes, de um modo geral, tornam-se ‘naturais facilitadores’ do *slackline* à medida que levam informações referentes à prática para a população frequentadora dos parques e praças públicas, socializando a brincadeira.

Este momento caracteriza a grande socialização promovida pelo *slackline*, no sentido em que os praticantes acabam se aproximando uns dos outros através dele. Nota-se então, através dos depoimentos, que os atores sociais interagem entre si, a fim de desenvolver a prática juntos, fazendo uma normatização social e espontânea em torno do *slackline*, na cidade. Com mais fitas sendo esticadas nos parques, em locais mais visíveis, imersos no ambiente cotidiano da cidade, e, o crescente número de adeptos da prática, naturalmente ocorre interação entre os micro-grupos.

“Começou a rolar algumas integrações, mas era porque simplesmente se encontravam no parque, né, e iam lá ver: ‘pô, que fita tu tá andando? Que manobra tu faz?’ (...)”

Cleber, 26 anos, é praticante de *slackline* desde dezembro de 2010, quando conheceu o *slackline* através de um amigo vindo da Alemanha. Ele afirma que essas integrações começaram a acontecer de forma natural e conforme os praticantes novos conheciam os mais experientes aproximavam-se para “conversar e ver como é que eles fazem (...) como é que eles aprendem” com o intuito de desenvolver a

30 - Pilha aqui, é uma gíria que refere-se a mesmo intuito, mesma vontade.

prática “crescendo juntos”. A fim de fomentar o espírito de confraternização que se criava em torno do *slackline*, quando perceberam que já havia bastante praticantes na cidade, Cleber e seus amigos, moradores da Zona Norte de Porto Alegre, resolveram organizar um encontro de *slackline*.

“A gente quis reunir mesmo a galera do *slackline*. Na verdade a gente tinha grupos, vamos dizer assim, separados né?! Porque o pessoal da Zona Sul praticava; o pessoal, ali, mais da Redenção praticava; e, a gente da Zona Norte praticava também. (...) Achamos que o Marinha fosse o ponto de encontro (...) então pensamos: ‘pô, vamos fazer um negócio bacana, que a gente possa instalar o número máximo de fitas que tem em Porto Alegre, né?!’.”

Os organizadores do evento, Cleber e seus amigos, decidiram criar um grupo de *slackline* para facilitar a divulgação deste evento, chamado Skilline Slacklines³¹ e segundo conta em sua página na internet, o evento ocorreu, no dia 05 de junho de 2011, ao lado da pista de skate do Parque Marinha do Brasil, com o objetivo de difundir o *slackline* como esporte e arte no Rio Grande do Sul. Contou com um público estimado, durante as oito horas de evento, de mais de mil pessoas, totalizando duzentos praticantes que foram cadastrados no local. Na ocasião, doze fitas de *slackline* foram instaladas e o evento, que contou com o apoio de diversas empresas locais, teve em seu roteiro ações como: Apresentação do *Slackline* para iniciantes; Captação de contatos do público interessado no esporte; Desafio SKILLINE – o desafio foi desenvolvido com dois integrantes na mesma corda, aquele que ficasse na corda por último ganhava um brinde da Prolife; FreeStyles – Espaço livre para praticantes mostrarem suas melhores manobras.

Este evento foi um importante articulador para a popularização do *slackline* em Porto Alegre, visto que até o momento o panorama que se tinha da prática na cidade era a existência de pequenos grupos de amigos que praticavam *slackline* isoladamente em alguns parques. Esta ação, no entanto, possibilitou que um grande número de pessoas conhecesse a nova prática que virava mania na capital, além de possibilitar a integração dos praticantes.

Além deste, outros acontecimentos foram de suma importância para a popularização do *slackline*, através da socialização, como por exemplo a criação de

31 Disponível em: <http://skilline.com.br/news/?p=10>

um grupo no *facebook*³², o Slackpoints Porto Alegre³³, criado logo após a realização do encontro descrito acima, por Gabriel Saraiva, que relata:

“Quando eu vi que a coisa tava crescendo, eu fiz o grupo na internet, o Slackpoints, porque eu já vi que tinham outros grupos nos outros estados e coisa, e, a gente não tinha, ai, eu resolvi fazer e começou a dar certo (...) o objetivo era exatamente esse: todo mundo se curtir e se conhecer”.

Confirmando esta ideia, Clarissa, que é integrante do grupo desde sua criação, conta que o intuito é reunir pessoas para realizarem a prática juntas. Para isso os usuários postam onde e que horas estarão com alguma fita instalada, possibilitando a prática de quem não possui equipamento próprio, além da integração de praticantes. Ela conta, que quando começou a andar de *slackline* não tinha fita, então utilizava o grupo para se comunicar com a galera:

“Ai eu fui nessas pilha, eu entrava no slackpoints pra ver onde a galera tava, as vezes eu não conhecia a galera e ia atrás. Um dia eu posteí lá no slackpoints: 'bah galera, tô sem fita, tô na fissura, quem é que vai andar?' Ai o Slap, que eu nem conhecia, me respondeu: 'chega ai na Redenção' (...).”

Outro usuário deste canal de comunicação é André, que define o grupo:

“É um lugar onde as pessoas trocam ideias de produtos, de lugares, de manobras. Sempre buscam se integrar e fazer junto o esporte; e buscar uma evolução juntos.”

Ao perceber a forte socialização existente em torno do *slackline*, perguntei aos praticantes se eles consideravam esta, uma atividade individual ou coletiva. Através das respostas, percebi que grande parte dos entrevistados ressalta a coletividade da prática. Clarissa define o *slackline* como “um esporte de grupo”, explicando: “Eu acho sem graça fazer slack sozinha”. Ao encontro do pensamento de Clarissa, Andrey, 19 anos, praticante há um ano, diz que o slackline “pode ser feito individual, mas o que faz a galera andar, se divertir, é o coletivo”. E finaliza dizendo que “andar sozinho é chato, é agonizante”. Outros praticantes identificam uma dualidade em relação a esta questão, afirmando que “o *slackline* é um esporte individual, que ao mesmo tempo é um esporte coletivo”, explicam que “em cima da

32 Rede social virtual. Disponível em: <http://www.facebook.com>

33 Slackpoints Porto Alegre – grupo online, criado como meio de comunicação dos praticantes. Disponível em: <http://www.facebook.com/groups/222421987792073/>

fita é muito pessoal, tem que ter muita concentração”, mas fora dela “existe a galera, existe a amizade”.

Ainda discutindo essa questão, um dos entrevistados conta que conheceu muitas pessoas através do *slackline* e ressalta que essas, são pessoas que provavelmente nunca conheceria na vida se não fosse através da prática. Exemplificando isso, diz que foi criada uma frase, como espécie de slogan: “*slackline* – unindo árvores e pessoas”. Mesmo concordando com o pensamento descrito, alguns praticantes relatam que existem também “as pessoas que gostam desse lance de ficar lá no seu canto, para se concentrar”, como exemplifica Nathan, em sua fala:

“Eu, particularmente, tento fugir desses aglomerados, assim, porque prefiro andar sozinho, entendeu?! Eu sou meio egocêntrico, arrogante e idiota e, ai, eu não gosto muito mesmo de andar assim. Até porque treinar sozinho é melhor, tu se concentra mais”.

Indo contra esse pensamento, Darwin, que considera o *slackline* como sendo um “esporte coletivo”, afirma que é possível sim andar sozinho, no entanto para evoluir em termos de manobra, “tem que andar junto com a galera”, pois sozinho o praticante acaba não andando muito tempo e não tendo com quem “trocar ideia de manobra e execução”. Finaliza dizendo que “andar sozinho é quando tu quer só dar uma caminhada e relaxar, não quando vai treinar manobras”.

Faz-se claro, a partir dos relatos, que o *slackline* pode ser praticado individualmente, porém é imerso a uma cultura de socialização. Esta que segundo grande parte dos praticantes expande-se para além da prática, emergindo também em outras áreas da vida desses atores sociais, como demonstra o seguinte relato:

“A galera se reuni, sempre tá falando pra onde vai (...) chega final de semana, por exemplo, a gente já fez churrasco ali no slackpoint (...)”.

“Meu grupo de amigos, hoje, o mais próximo de mim, eu vou dizer que a galera entrou pra esse grupo ai por causa do slack. Mas hoje em dia, a gente vai pra praia, a gente faz festa de noite. É a gurizada junta mesmo, unida.”

Sustentando isto, busco em Dumazedier (2004) apud Vargas (2010) a ideia de que as atividades de lazer contribuem para formar em cada grupo e em cada indivíduo um estilo de vida, que seria o modo como esses atores sociais se relacionam com a vida cotidiana e se estabelecem em suas relações sociais. O que

foi claramente demonstrado pelos praticantes em seus relatos. Finalizo a ideia do autor com a afirmação de que o tempo de lazer sustenta uma atitude que será “mediadora entre a cultura de uma sociedade ou de um grupo e as reações de um indivíduo às situações da vida cotidiana”.

Reforçando esta ideia, Costa (2000), afirma que “Organizados em coletivos menores, os praticantes [...] ligam-se eventualmente, por interesses comuns. Animam-se as solidariedades entre microgrupos, encontram-se pessoas parecidas que convergem nos mesmos desejos e preocupações imediatas. Em torno dessas práticas são constituídas redes, partilhando entre si discursos, emoções intensas vivenciadas nas práticas e os sentidos por eles atribuídos a elas” (p. 8).

Assim sendo, outras questões tornam-se oportunas: quem são os atores sociais que constituem essa rede de interação? Que estilo de vida faz-se comum a eles? Qual o sentido atribuído por eles em relação a sua prática?

Ao encontro do pensamento de Dumazedier (2004) que relaciona a cultura de uma sociedade às reações de um indivíduo, trago o relato de um dos praticantes que afirma que há uma forte relação entre a cultura de lazer da cidade e o desenvolvimento da prática do *slackline*, que segundo ele “foi acontecendo ao natural”, porque o *slackline* “tem tudo a ver com a capital”, visto que

“a cultura de Porto Alegre é uma cultura de ir pro parque, sempre foi (...) porra, chimarrão, praça, canguinha, violão; e não tinha um esporte pra se fazer no parque. E hoje em dia, indo pro parque com o slack, acho que tem tudo a ver, meu, encaixa, se fundi uma coisa na outra, porque o cara que gosta de ir pras praças, agora tem um esporte pra fazer, que agrega, que chama gente, que dá risada”.

Neste ambiente, os praticantes se definem como uma “tribo” bem diversificada, constituída por uma “galera que curti qualidade de vida, contato com a natureza, se relacionar com outras pessoas”, formando, assim, um grupo de “pessoas mais alternativas, que já frequentavam parques e praças” mesmo antes de praticar *slackline*. Muitos dos entrevistados associam o praticante de *slackline* de Porto Alegre ao praticante de outros esportes, como, por exemplo, o surf e o skate. Clarissa conta que “tem uma galera que largou o surf, que largou o skate pra fazer slack”. Ela justifica esse fenômeno dizendo que Porto Alegre é

“a capital sem praia que tem o maior número de surfistas, então rola uma carência, assim, do esporte. (...) Agora o cara tem o

slack, que supriu essa falta (...) além de suprir, acabou revertendo.”

Ainda referindo-se ao perfil do praticante, ela diz que quem “faz slack é uma galera que curte as mesmas coisas, que já tinha a pilha de fazer esporte e tá no meio do mato, fazer trilha, fazer *trip*”. Finalizando, Gabriel diz que “tem tudo que é tipo de gente, de sexo, de cor, jeito (...)”. Seu primo Vinícius, ainda acrescenta que geralmente quem faz slack “é uma galera mais jovem”, que segundo Nathan variam, normalmente, entre 15 e 35 anos.

Percebe-se com isso, que os atores sociais relacionados a esta prática, desenvolvem um estilo de vida compartilhando gostos, costumes e formas de pensar, criando então, a “cultura do *slackline*”. Exemplificando, André relata: “a gente tem música de *slackline*, a gente tem roupa de *slackline*, a gente divulga a filosofia do *slackline*”.

Convergindo com esta fala do André sobre a cultura e a música do *slackline*, sublinho que surgiu recentemente, mas de maneira intensa, o som que representa os praticantes de *slackline*. Necessariamente não são daqui, mas se espalha fortemente entre a galera local³⁴.

Em relação ao gosto dos praticantes, Maurício afirma que quem faz parte da cultura do *slackline*, “na real são pessoas que gostam de desafio”, o que é confirmado por Nathan, que diz que “o *slackline* foi sempre um desafio, uma forma de me superar”. Ele conta que teve grande frustração quando, em seu primeiro dia de prática, não conseguiu andar na fita, afirmando que isso foi a principal motivação para desenvolver o *slackline* como um esporte em sua vida a partir de então. Em relação a sua motivação pessoal, finaliza dizendo: “o que me levou não foi a diversão, foi o fato do desafio, entendeu?!”

Outros praticantes também consideram o desafio fator determinante da prática, afirmando que “uma das motivações do *slackline*, quando tu sobe na fita é a tua evolução”, pois a primeira sensação, é de que será impossível manter-se equilibrado, no entanto, após algumas tentativas o desafio é vencido. Porém, nem todos os praticantes parecem elencar como principal motivo da prática a superação do desafio, demonstrando também, que o lazer é outro fator primordial, como

34 - Galera local aqui, refere-se aos praticantes de slackline imersos no universo da prática em Porto Alegre.

demonstra uma das entrevistas: “Hoje o *slackline* é minha válvula de escape, é meu lazer 100%”.

Em depoimento, Clarissa conta que no início de seu envolvimento com o *slackline*, nem sequer cogitava andar sobre a fita, pois achava que era impossível. No entanto, já utilizava o *slackline* como lazer, pois acompanhava a prática de seus primos tirando fotos, como conta: “Comecei a usar as fotos como desculpa pra tá sempre com eles (...) curtindo as bandas deles, assim, mas que pra mim nunca ia rolar.”

Segundo ela, algum tempo depois de acompanhar constantemente os primos, como, em suas palavras, “fã observadora”, decidiu tentar equilibrar-se na fita. “Dai eu disse: 'porra, não é tão difícil assim, né?'. Ai eu fui fisgada, né?! Ai o bichinho do slack pegou em mim e eu não queria mais parar”. Finaliza dizendo que a principio praticava *slackline* para fazer exercício físico, “era aquela fuga da academia”, no entanto, a diversão foi ganhando espaço e hoje se considera praticante de um “esporte que tem um desafio constante, uma evolução rápida, mas que não perde a característica de lazer.” De acordo, outra praticante afirma que o *slackline* “além de ser uma diversão é uma prática física.” Odilei, em seu depoimento, define sua prática como uma forma de trabalhar concentração e equilíbrio enquanto se diverte, em meio ao parque tomando um chimarrão. “Se eu tô estressado, eu vou andar de slack. Vou montar o slack e vou ficar curtindo.”

“Já pensei seriamente em, de repente, me dedicar pra vê se dá pra, sei lá, participar de campeonato, curtir e ganhar uma grana assim, mas não é bem isso que eu quero, prefiro ficar mais no lance de lazer e curtidão.”

A partir do relato acima, percebe-se que entre os praticantes existem outros motivos, além do lazer, que os impulsionam a desenvolver o *slackline* como atividade integrante de suas rotinas, como demonstra Nathan em sua fala:

“Eu vejo uma galera que pratica pra participar de campeonato, pra conseguir um patrocínio. Tem uma galera que pratica porque quer se aparecer, porque acha que, sei la, vai pegar mina porque anda de *slackline*. E tem uma galera que anda porque se identifica, entendeu?!”

De encontro à afirmativa de Nathan, vários praticantes disseram que quando iniciaram no *slackline*, tinha como principal objetivo o lazer, mas que isso foi se modificando na medida em que a prática era desenvolvida. Andrey, conta que faz

slackline para se “divertir e treinar”, pois “o treino é uma diversão”. Finaliza dizendo que esta relação se modificou quando começou a levar o *slackline* mais a sério:

“o vício aumentou. Acho que o prestígio, até. As pessoas quando olham tu fazer manobra, elas ficam impressionadas (...) isso acaba te fazendo gostar muito do slack, a resposta das pessoas, como as pessoas agem quando tu faz aquilo.”

Outros praticantes, quando questionados quanto ao seu objetivo frente a prática, afirmam que da mesma forma, iniciaram buscando uma atividade de lazer, mas que isso foi se modificando a medida em que desenvolviam o *slackline* como parte de suas vidas, sendo que hoje, grande parte deles afirma ter como principal objetivo a competição, a profissionalização e a difusão do esporte. Elementos constituintes da prática que serão discutidos a seguir.

3.3 Profissionalização – será este o caminho?

“Pra ti provar pra uma pessoa que isso é um esporte é complicado. O cara pensa: 'bah, é um circo' (...) É que quem nunca subiu na fita não imagina o que que é, não imagina a força que faz (...) hoje em dia, ele é visto como esporte porque aparece na televisão, porque o cara ganhou o mundial, aí é brasileiro, então ele é visto como esporte. Mas pra leigo, é assim, aquele esporte que 'eu não vou fazer nunca na minha vida', sabe?! Ele tem muito o que crescer ainda.”

Seguido desta fala, Plauto relata que sempre percebeu o *slackline* como sendo um esporte. Conta ainda que é o esporte que mais gostou de praticar, elencando-o como seu “esporte número um”. Quando o questionei sobre o que ele considera ser esporte, ele afirmou que, em sua opinião, “esporte é um jeito de fazer exercício pra não ficar sedentário (...) alguma coisa que tu gosta e que tu pratica exercício”.

Na literatura existem inúmeras definições do que vem a ser o esporte. Segundo Alves e Dias (2007), existe uma insuficiência na discussão conceitual a cerca dos esportes, que está relacionada tanto as suas novas adjetivações, quando as definições sociais ou mesmo, academicamente definidas. Complementando este pensamento, Stigger (2002) atenta para a possibilidade de atribuir esta dificuldade

conceitual ao grande número de atividades já existentes no âmbito da chamada cultura corporal. O Autor finaliza a ideia dizendo que “da mesma forma, poder-se-ia pensar nas novas práticas emergentes (candidatas a esporte) que aparecem todos os dias no mercado esportivo, como, por exemplo, os esportes californianos ou esportes radicais.”

Neste sentido as confusões conceituais refletem-se na percepção dos praticantes de *slackline* em relação a sua prática, visto que grande parte dos entrevistados relataram considerar o *slackline* uma atividade esportiva, ainda que não se apresente de maneira formal, como exemplificado na fala de Cleber:

“Na verdade só o que falta é burocraticamente, né. A gente não tem manobras bem definidas, né (...) pra ele se tornar um esporte, tu tem que ter o lado da arbitragem, por exemplo, né, que tem que dar pontuação aos atletas; a formação de atletas, a gente não tem formação de categoria de base, por exemplo, pra um praticante se tornar mesmo um atleta. Tem diversas coisas que tem que ser feitas pra que a gente consiga formar um árbitro, pra que a gente consiga formar um atleta, porque eles surgem hoje de vontade própria.”

Cleber explica que, ainda, mesmo sem a ocorrência de formalização burocrática, houve uma transição na visão do praticante: do *slackline* percebido como lazer à prática esportiva. Sustentando isso, Andrey conta que ao iniciar a prática de *slackline*, “via como uma diversão”, porém quando percebeu “que realmente podia fazer manobras, podia voar, digamos assim, podia participar de campeonatos”, então encarou como esporte.

Ao que parece, grande parte dos praticantes começaram a vislumbrar o *slackline* como um esporte competitivo, neste contexto, alguns pequenos grupos de praticantes movimentaram-se para formarem equipes, fomentando entre os praticantes um objetivo mais profissional frente à prática.

Exemplificando isso, trago a história da criação de uma segunda empresa de *slackline* em Porto Alegre, em março de 2012, a ELO Slackline, que nasceu a partir da união de diversas pessoas que apresentavam um objetivo comum: a profissionalização do *slackline*.

Após alguns meses de prática constante, no início de 2012, Nathan e André criaram um grupo chamado LSD – Lazy Slackers Division, composto por eles e mais 3 amigos – Bené, Bruno e Mica. Segundo Nathan esse era o grupo que representava “a galera que anda de slack, mas que é preguiçosa, que não se

dedicava muito, que treinava, mas naquela vibe lazy (...) era mais festa mesmo”. Ele conta, ainda, que já havia a intenção de “criar uma marca de slack, vender equipamentos, fazer festas e eventos, divulgar o slack”, mas que, a ideia não era transformada em ação porque segundo ele, “não tinha muito a pegada de fazer acontecer”. Situação que justifica na fala: “Porque eu era LSD, minha parada não era essa, minha parada era andar e inventar coisas e tal, que é o que eu faço.”

Foi então que Nathan conheceu Rodrigo Charão, em um encontro de *slackline* promovido por ele, em março de 2012, no Parque Mascarenhas de Moraes, popularmente chamado de Parque Humaitá.

Rodrigo, 31 anos, morador do bairro Humaitá, teve contato com o *slackline* no início de 2012, junto ao seu grupo de amigos, que conheceram a prática a partir de vídeos estrangeiros pela internet. Começaram a praticar sem qualquer contato com praticantes mais antigos. Segundo conta Rodrigo, ele se quer imaginava que já existiam pessoas praticando na cidade. No entanto, ao desenvolvê-lo como atividade de lazer, junto com os amigos do bairro, buscou mais informações, conhecendo assim a cena já existente neste período, em Porto Alegre. Nesta época, organizou-se com os companheiros para a criação de um grupo e o lançamento de um segundo encontro de *slackline* na cidade, pretendendo aproximar-se dos demais praticantes e divulgar a existência da prática num parque da Zona Norte da cidade.

Após o evento, Rodrigo conta que ampliou significativamente a visão que tinha em relação ao *slackline*, de maneira que sentiu necessidade de evoluir em termos de equipamentos, uma vez que desconhecia a existência de produtos especializados até a realização do evento. Quando então descobriu algumas empresas do ramo, e tentou realizar a compra de um kit, porém teve grande dificuldade para efetivar a compra, esperando mais de 30 dias até que conseguisse finalizá-la com sucesso. Após esse episódio, Rodrigo reuniu seus companheiros de prática e anunciou a vontade de abrir uma empresa para suprir essa carência de atendimento, a qual foi submetido. A partir disso, criou a ELO Slackline, que tinha o propósito de facilitar o desenvolvimento do esporte na cidade, profissionalizando-o, nesse sentido. Com os projetos de ação da empresa estruturados, Rodrigo conversa com seu sócio e amigo Meinke: “Meu, a gente precisa de um formador de opinião na rua”. Foi então que entrou em contato com Nathan, oferecendo patrocínio, através de equipamentos, para que ele representasse sua marca. Em reunião com Nathan,

Rodrigo e Meinke fecham uma parceria com a LSD, onde eles representariam a marca, criando a partir daí a equipe de atletas da ELO Slackline.

Este período é fortemente marcado pelo início da expansão do mercado de *slackline* local, visto que, agora, ele não se restringe apenas a comercialização de equipamentos feita por uma única empresa, como vinha se desenvolvendo. Abrangendo também estratégias de marketing, através do oferecimento de patrocínio com equipamentos; disputa de mercado, na medida em que existem duas empresas de um mesmo ramo. Fatores estes que levam o *slackline* a desenvolver-se de maneira mais profissional em termos de esporte competitivo.

Fazendo relação a isso, trago o excreto da entrevista de um praticante, que diz que:

“No momento em que existem marcas, as pessoas estão com uma empresa aberta ali, querendo vender o produto e a partir daí, isso aí não vira simplesmente curtição, porque elas investiram dinheiro para isso, então tem que se vender o produto, então a competição vai haver.”

Percebe-se com isso, uma forte relação entre o mercado a cerca do *slackline* e o surgimento de uma cena esportiva competitiva na cidade. Visto que “cada time quer ter o melhor atleta, o atleta que faz as manobras mais loucas, porque isso é importante para a divulgação.” Nesse sentido a praticante Clarissa considera que o nascimento de diferentes equipes de *slackline* se dá junto à realização do primeiro campeonato realizado em Porto Alegre. Ainda sobre esta questão, Andrey aponta que “a criação de um mercado fez com que o *slackline* evoluísse”, devido ao “surgimento de uma equipe”, que se tornou incentivo para a movimentação da empresa já existente, num mesmo sentido.

A partir da afirmação de Andrey, surgiu uma questão importante a ser discutida aqui: O que vem a ser evolução da prática? Será mesmo que a mercadorização incentiva a evolução do *slackline*? Neste caso, cabe exaltar a importância da criação de um mercado a cerca das novas configurações que se criam a partir disso, como por exemplo, o desenvolvimento de competições e o incentivo de empresas na criação e formação de atletas da modalidade, o que apresentasse, assim, como uma forma de evolução do esporte.

Demonstra-se ainda a relação entre o mercado e competição através da realização do campeonato ter sido iniciativa da empresa Red Bull em parceria com a Slack Proof, em 19 de maio de 2012, no Parque Marinha, ao lado da pista de skate.

Nathan, que foi campeão da disputa, considera que este evento foi uma grande evolução do *slackline*, pois mostrou para muitas pessoas - algumas que nem tinham conhecimento da prática - que ele já se configurava como esporte, na medida em que estavam havendo competições. E ainda, que o esporte tinha potencial para ser vinculado a grandes marcas, como a Red Bull, por exemplo. Em seu relato, ele conta que após uma triagem, dezesseis participantes disputaram o campeonato. Considera, ainda, que a competição representa “um marco de antes e depois” na história do esporte, sublinhando que “muita gente começou a treinar e se puxar mais depois dali, foi bem importante”.

A última colocação de Nathan, atenta para uma possível representação de atleta, criada entre os praticantes, a partir desta ocasião. Possibilidade exemplificada por Clarissa quando diz que “hoje tem gente que se considera atleta de uma equipe ou de outra e tal”. Nesse sentido, André conceitua:

“Atleta é o cara que pratica *slackline* com intenção de disputar um campeonato. Intenção de viver de *slackline*, entendeu?! Tipo, é o cara que pratica *slackline* todos os dias e quer viajar pra mostrar as suas técnicas, quer ganhar a vida se divertindo dessa forma.”

Ele, ainda, acrescenta:

“Um atleta é uma mistura de quem quer e de quem pode (...) E quem pode?! (...) É o cara que se machucou e teve a possibilidade de se recuperar, pra, na mesma semana, ou na outra, tentar fazer aquela manobra de novo.”

Considerando-se um atleta, Andrey descreve o que isso representa:

“Eu sou um atleta da equipe (...) e pretendo evoluir, com certo apoio deles, e representar eles em campeonatos, ganhar dinheiro com eventos (...) A equipe não paga salário, nem financia viagens pra competições, apenas apoio com equipamentos para treino.”

Maurício, que também se considera atleta, define este status a partir das ações de “treinar, andar, tipo, vestir a camisa da equipe.” Diante este cenário, Clarissa questiona: “Que que é atleta, cara? Qual é o atleta que tu conhece que treina quando quer? Que não é pago pra isso?” Desta forma, ela considera que ainda falta muito para existirem atletas, aqui em Porto Alegre. Neste sentido, define atleta como uma pessoa que vive do esporte, tirando seu sustento a partir de treinos regulares, cuidados específicos e competições. Finaliza dizendo que não conhece

nenhuma pessoa que considera ser um atleta de *slackline* na cidade, apesar de conhecer pessoas que se consideram tal.

A partir de construção de uma cena onde há criação de um mercado de produtos e serviços; competições e atletas, a cerca do *slackline*, nota-se a forte profissionalização da prática como esporte o que, segundo Cleber, é fator primordial para o surgimento da necessidade de formalizá-lo como tal. A cerca disso, ele relata:

“O slack já estava sendo praticado como um esporte, então houve a necessidade de formalizar ele, através de uma associação, federação, alguma coisa que o formalizasse, tanto pra organização de eventos, quanto pra entrar junto ao governo como uma forma de esporte, captação de verba (...) e a melhor forma que a gente viu, foi unir esses três grupos de Porto Alegre, né, então ouvimos os três grupos e fizemos uma reunião e, então, vamos montar uma associação, uma federação, a gente não sabia ainda o que era. Acabamos encontrando, assim, a Celente Esportes, que é uma assessoria esportiva que nos deu toda a base e toda a estrutura pra montar a federação, né, que a gente viu que, o que realmente o slack precisava no momento era de uma federação né, pra normalizar, assim, o que já existia como esporte.”

Conforme relata Cleber, alguns representantes dos três grupos de *slackline* existentes em Porto Alegre – sendo eles: as empresas Slack Proof, Skilline Slacklines e ELO Slackline – criou-se a Federação Gaúcha de Slackline, através da ata datada em 07 de agosto de 2012. O entrevistado justifica a criação da Federação, a partir das necessidades de: Normatização de arbitragem para campeonatos; Criação de ranking de desempenho de atletas; Possibilidade de locais de treino com infraestrutura e treinamento direcionado; Iniciação e formação de atletas; Assim como, a formação de árbitros.

4) CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura de uma região é constituída pela união de diversos fatores, tendo fortes influências humanas e ambientais. Apresenta-se como algo inconstante, mutável e moldável através do tempo e espaço em que se dá. Dentro desta perspectiva, nota-se que novas práticas inserem-se a determinadas culturas ao

longo da história. Na cidade de Porto Alegre, fez-se possível observar este fenômeno, em decorrência do surgimento de uma nova prática da cultura corporal de movimento, o *slackline*.

Nesta perspectiva, com a origem e, conseqüente desenvolvimento desta prática, o problema norteador da presente pesquisa consistiu em compreender como o *slackline* está se configurando na cidade de Porto Alegre, na perspectiva de seus praticantes. Para fomentar e pautar a discussão desta questão, outras perguntas mais específicas fizeram-se necessárias, como por exemplo: Quem são os principais atores sociais da configuração inicial do *slackline* na cidade? Que estilo de vida é comum a eles? Quais as principais mudanças ocorridas na relação desses indivíduos frente à prática?

Na tentativa de reconstruir a recente história do *slackline*, a fim de obter informações para a discussão proposta, enfrentei grande dificuldade em encontrar material específico na literatura. Em conseqüência da recente expansão do *slackline*, poucos estudos acadêmicos foram feitos, sendo este o principal motivo da realização de buscas em fontes informais, como por exemplo, sites e blogs. Baseando, também, a pesquisa em vivências pessoais obtidas no cenário do *slackline*.

Julgo ser importante esclarecer que essas vivências pessoais surgem a partir do grande envolvimento que tenho com o *slackline*, me considerando, hoje, uma praticante apaixonada, difusora, fotógrafa, professora e pesquisadora desta prática. De modo que o *slackline* apresentou-se, inicialmente, para mim como uma nova atividade de lazer, no entanto a paixão por ele, fez com que eu o levasse para várias áreas da minha vida, tanto pessoal, quanto profissional, como exemplificado acima. Com isso, acabei enfrentando grande dificuldade em forçar um estranhamento necessário frente ao universo do *slackline*, a fim de compreender as configurações desta prática e escrever sobre o tema. Parece evidente que o mesmo fator que causa esta dificuldade, por outro lado, torna-se uma facilitação, na medida em que se pretendeu neste trabalho reconstruir as configurações do *slackline* a partir do ponto de vista dos praticantes. Para isto, foi feita a reconstrução de uma possível história do *slackline*, destacando suas aparentes configurações, a partir da minha interpretação frente ao que os praticantes me relataram. Assim sendo, não pretendo

aqui afirmar nada como verdade absoluta, mas sim, apresentar uma versão de como se apresenta esta prática na cidade de Porto Alegre.

A partir dos relatos coletados, optei por categorizar a trajetória do *slackline*, em Porto Alegre, em três fases distintas, que não necessariamente se apresentam de forma linear, visto que uma, muitas vezes, coexistem em tempo e espaço com as outras. O que é importante salientar é que essas fases se diferenciam em alguns aspectos, como por exemplo: Quem são os atores sociais envolvidos; qual a motivação e objetivo deles; onde, e como realizam esta prática.

Relacionando esses aspectos dentro do estudo, a partir do que ouvi nas entrevistas, percebi que o *slackline* surgiu em Porto Alegre como prática de lazer de um grupo de escaladores, aproximando-se da história mundial. No entanto, a partir de minha experiência como praticante e integrante do meio social que envolve o *slackline*, acreditava que a origem da prática na capital gaúcha teria ocorrido diretamente através da modalidade do *trickline*, já com algumas características esportivas e mercadológicas. Esta hipótese não se confirmou a partir da pesquisa, pois pude notar que mesmo a origem não sendo diretamente no *trickline*, o desenvolvimento e a popularização da prática se deu através deste, o que talvez tenha levado grande parte da comunidade slacker a compartilhar do mesmo ponto de vista.

Ao constatar a popularização do *trickline*, percebi que a evolução da prática levou a um surgimento natural de regras modificando a relação e o objetivos de alguns praticantes - que antes se apresentava como lazer – encarando o *slackline* com mais seriedade.

Acredito que o *slackline* se desenvolveu de uma maneira muito ampla e veloz, fomentando além da profissionalização, um potencial grande de mercado. Como foi demonstrado já existe certa competição, contando com duas empresas, especializadas neste ramo em Porto Alegre, e que grandes marcas, estão dispostas a investir e fazer parcerias, tendo em vista que o esporte tende a se desenvolver cada vez mais.

Percebo, ainda, que grande parte dos praticantes hoje trabalha em prol do esporte, numa cena geral, mas nota-se uma singularidade e uma resistência dos “free slackers”, que se encaixam nos praticantes que não aderiram às supostas regras, e o continuam praticando como forma de lazer. Diante do cenário

apresentado, é preciso ficar atento nos próximos movimentos: será que o *slackline* seguirá a tendência atual, tornando-se uma prática cada vez mais profissional, ou retomará suas origens lúdicas?

De qualquer forma, uma coisa eu posso afirmar: o *slackline* não é modismo, ele veio para ficar!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M., GUTIERREZ, G. **A nova dimensão esportiva: uma leitura do esporte e do lazer.** Año 12 - N° 116. Buenos Aires: Revista Digital, 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> Acessado em: 23 ago. 2012.

COSTA, Vera. **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário.** 1 ed. Barueri: Manole, 2000.

DIAS, C., JÚNIOR E. **Notas conceituais sobre os esportes na natureza.** *Efdeportes*, Buenos Aires, ano 12, n. 114, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> Acessado em: 09/07/12.

DIECKERT, Jürgen. **Peculiaridade e autonomia do esporte de lazer.** In: Esporte de lazer tarefa e chance para todos. (Trad. Maria Lenk). Rio de Janeiro: 1984.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular.** 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.

LUCENA, Ricardo. **O Esporte na Cidade.** 1 ed. Campinas: Ed. Autores Associados, 2001.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: uma introdução.** 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, Paulo. **Brinquedos artesanais & expressividade cultural.** São Paulo: SESC-CELAZER, 1982.

SILVA, C. F. **Como definir uma prática como esporte? Reflexões a partir de Norbert Elias.** *Universidade Federal da Bahia*, Salvador, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br>> Acessado em: 09/07/12.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico.** Campinas: Autores Associados, 2002.

VARGAS, G. **Competição e lazer no esporte: aliados ou rivais? Um Estudo sobre a prática dos ciclistas competitivos amadores do município de São João Del-Rei – Mg. 2010.** 20 f. Relatório final apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, por exigência do término da Pesquisa de Iniciação Científica – PIIC (Educação Física) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010. [Orientador: Kleber do Sacramento Adão]. Disponível em: http://www.academia.edu/358532/Competicao_e_lazer_no_esporte_aliados_ou_rivais_Um_estudo_sobre_a_pratica_dos_ciclistas_competitivos_amadores_do_municipio_de_Sao_Joao_del-Rei_-_MG. Acessado em: 09/07/12.

REFERÊNCIAS ELETRONICAS

Escalador carioca manda maior highline do Brasil na Pedra da Gávea. 16 jul. 2007. <http://www.viacrux.net/Index/01Noticias/not_jul02_2007.htm> Acessado em: 24 jul. 2012.

Farini, Blondin delightful together. set. 2010. <<http://www.thestar.com>> Acessado em: 08 ago. 2012.

Gibbon Slacklines. <<http://www.gibbonslacklines.com.br/sobre2.html>> Acessado em: 24 jul.2012

História do Slackline. 23 mai. 2011. <<http://slacknews.blogspot.com.br>> Acessado em: 24 jul. 2012.

Hugo Langel. <<http://www.hugolangel.com.br/site/>> Acessado em: 10 nov. 2012

Man on wire. <<http://manonwire.com>> Acessado em: 08 ago. 2012.

Ranking WSFed. nov. 2011. <<http://wsfed.com>> Acessado em: 22 out. 2012.

SILVA, Andressa D. **Surpresas no 1º Campeonato Brasileiro de Slackline 2010.** São Paulo. 25 set. 2010. <<http://inema.com.br/mat/idmat117057.htm>> Acessado em: 08 ago. 2012

Slackline: A arte do equilíbrio. <<http://www.esquemasurf.com>> Acessado em: 10 ago. 2012.

Unesco. 2011. <<http://www.unesco.org/culture/ich/es/RL/00448>> Acessado em: 08 ago. 2012.

VASCONCELLOS, Renata. **Conheça o Slackline, esporte que está tomando conta das areias de JP.** João Pessoa. 05 abr. 2012. <<http://globoesporte.globo.com>> Acessado em: 08 ago. 2012.

APÊNDICE

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Roteiro:

Idade? Há quanto tempo pratica slackline? Onde? Com quem?

Me conta um pouco porque que tu te aproximou do slack? Que outras praticas tu costuma ou costumava ter no teu tempo livre? Que relação essas praticas tem com o slack?

Me fala como foi teu inicio no slackline.

Quando tu começou, tu lembra de ter escutado, onde e com quem se deu o inicio do slackline em porto alegre?

Quem tu viu pela primeira vez praticando slackline em porto alegre?

Como é tua relação com slackline? Por quê? Pra que? (objetivo da sua pratica)

Qual é o espaço do slackline na tua vida?

Tua relação com o slackline sofreu alguma mudança desde o inicio da prática até agora?

Me descreve como é a cena do slackline hoje em porto alegre?

Me conta como percebe a evolução do slackline? Equipamentos? Role?

Como tu percebe a cena competitiva do slackline? (porto alegre)

Como tu percebe o mercado do slackline em porto alegre? (marcas, equipes)

Como tu ve o slackline num futuro próximo, em porto alegre?

Quais são os picos de slack hoje, em porto alegre? (slackpoints)

O slackline é uma atividade individual ou de grupo?

Quem pratica slackline? Como pratica (qual o sentido)? Tu pratica por causa do grupo ou tu tem o grupo pq tu pratica? Esse grupo social se estende para além do parque?

Quantos grupos tu identifica em porto alegre hoje?

Qual a importância das trips de slack em outro lugares? Quais os efeitos disso na cultura do slack local?

ANEXO

Anexo 1



Philippe Petit em travessia no World Trade Center, em 1974.

Fonte: wineandbowties.com

Anexo 2

SKL SLACKLINES
a marca de slackline do Brasil,
Apresenta!

CIRCUITO Brasileiro de slackline

1º etapa
OPEN e EQUIPES

30 e **01**
de Junho de Julho

Em breve
mais informações!

VIRADA ESPORTIVA

Vale do Anhangabaú - Arena Radical

Alojamento, festa, vários premios e \$\$\$
www.skl-slacklines.com

4 etapas
pelo Brasil!

PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO

Flyer de divulgação Circuito Brasileiro de Slackline SKL.

3. Critério de Participação

3.2) As categorias são: Sub-15 ; Feminino; Amador; Máster

3.3) Sub-15: Categoria Mista. O participante deverá apresentar documento de identificação.

3.4) Demais categorias: Os participantes deverão apresentar documento de identificação.

4. Critério de Classificação

4.2) Sub-15; Feminino; Amador: as provas serão realizadas no sábado, dia 25.

4.3) Master: No sábado, dia 25, todos os riders demonstram suas habilidades no tempo pré determinado. Ao final, os árbitros indicam os 16 participantes que irão correr no domingo, dia 26.

5. Da Avaliação dos Árbitros

5.2) 4.1Registro

Os árbitros são responsáveis por avaliar se o participante foi inscrito corretamente

5.3) 4.2Segurança

Os árbitros tem que tomar cuidado com a segurança do atleta, área de competição, e colchões.

5.4) 4.3Resultado

O participante passará para próxima fase, ganhando a maioria dos votos dos árbitros.

4.4 Avaliação

Trickline é a modalidade competitiva no evento, onde o desempenho leva a vitória.

O tempo será cronometrado enquanto o rider estiver na fita, quando sair o tempo será parado. Os critérios de avaliação são:

DIFICULDADE

A dificuldade é o critério mais importante.

As manobras de nível tecnicamente altas, serão muito mais pontuadas, quando realizadas em um combo.

Combo com manobras de alto nível de dificuldade, sem manobras simples, ou intermediárias para estabilizar.

TÉCNICA

Técnica é o segundo item mais importante.

Nesse item o importante é a limpeza das manobras. Se os combos estão sendo realizados sem “DAB´s” (instabilidade, pé no chão, mão no chão).

DIVERSIDADE

Diversidade é o terceiro item mais importante.

Nesse item, quanto mais diferentes os combos, melhores os resultados.

Rotações,manobras estáticas,combos,inverter o lado da fita, mandar manobras em base trocada,saltos,partidas e aterrisagens diferentes,flips.

AMPLITUDE

Amplitude é o quarto item mais importante.

Nesse item a altura e a largura das manobras são valorizadas. Sendo avaliada toda a performance,não cada movimento único.

DESEMPENHO

Desempenho é o quinto item mais importante.

Nesse item é valorizada a influência do rider ao público, demonstrando seu show. Não há limites,onde o ideal é o rider conseguir contrastar, fazendo algo incomum em sua apresentação para levantar o público.

6. Da desclassificação

- 6.2) Atraso ao cumprimento do horário proposto ao evento.
- 6.3) Falta de respeito contra organizadores,atletas,público.
- 6.4) Não aceitar decisões dos árbitros.**

7. Da responsabilidade

- 6.1 O participante deve estar ciente e todos os riscos e responsabilidade pela sua participação na competição e todas as provas.

ANEXO 4



Fotografia do primeiro slackline registrado em Porto Alegre, em 2001.